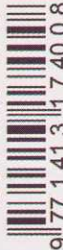


Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA | DEUS, CRISTO E CARIDADE
ANO 122 — Nº 2.100 — MARÇO 2004 — R\$ 4,00

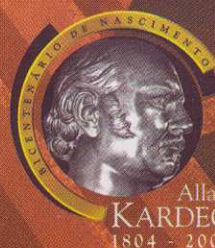
ISSN 1413 - 1749



LIVRE-ARBÍTRIO

Liberdade e responsabilidade coexistem no
processo de evolução do Espírito

Nesta Edição:
União e Unificação
Liberdade de consciência religiosa
O paradigma da tolerância



Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 122 / Março, 2004 / Nº 2.100



Fundada em
21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749
Propriedade e orientação da
Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação
Av. L-2 Norte – Q. 603 – Conj. F (SGAN)
70830-030 – Brasília (DF)
Tel.: (61) 321-1767; Fax: (61) 322-0523

Home page: <http://www.febnet.org.br>
E-mail: feb@febrasil.org.br
webmaster@febnet.org.br

Para o Brasil	
Assinatura anual	R\$ 30,00
Número avulso	R\$ 4,00
Para o Exterior	
Assinatura anual	US\$ 35,00
Simples	US\$ 45,00
Aérea	

Diretor – Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Editor – Altivo Ferreira; Redatores – Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noletto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago; Secretário – Iaponan Albuquerque da Silva; Gerente – Amaury Alves da Silva; REFORMADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 – I. E. 81.600.503.

Departamento Editorial e Gráfico
Rua Souza Valente, 17
20941-040 – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil
Tel.: (21) 2589-6020; Fax: (21) 2589-6838

Capa: Alessandro Figueredo

Tema da Capa: LIVRE-ARBÍTRIO é o tema deste mês. Seu exercício torna-nos responsáveis pelo nossos atos, segundo a Lei de Causa e Efeito.

EDITORIAL	4
Lei de Liberdade	
PRESENÇA DE CHICO XAVIER	17
Alergia e obsessão – <i>Dias da Cruz</i>	
ESFLORANDO O EVANGELHO	21
Liberdade – <i>Emmanuel</i>	
A FEB E O ESPERANTO	31
X Encontro de Espíritas-Esperantistas no Rio e entrevista de Affonso Soares	
Cursos de Esperanto na Sede Seccional	33
La animo – <i>Augusto dos Anjos</i>	33
PÁGINAS DA <i>REVUE SPIRITE</i>	36
Poder da vontade sobre as paixões – <i>Allan Kardec</i>	
CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL	38
4º Congresso Espírita Mundial	
SEARA ESPÍRITA	42
Livre-arbítrio – <i>Juvanir Borges de Souza</i>	5
Ingenuidade – <i>Richard Simonetti</i>	8
A arte de amar – <i>Adilton Pugliese</i>	9
Amor – <i>Joanna de Ângelis</i>	10
União e Unificação – <i>Bezerra de Menezes</i>	11
Liberdade de consciência religiosa – <i>Dulcídio Dibo</i>	12
Liberdade – <i>Cruz e Souza</i>	14
O paradigma da tolerância – <i>Carlos Abranches</i>	15
Conclusões populares – <i>Casimiro Cunha</i>	16
O aspecto consolador da intervenção dos Espíritos em nossas vidas – <i>Jorge Leite de Oliveira</i>	18
Espírito protetor – <i>Allan Kardec</i>	20
As mensagens que vieram de Mulhouse – <i>Kleber Halfeld</i>	22
Federação Espírita Amazonense comemora seu 1º Centenário e o Bicentenário de Kardec	24
Yvonne do Amaral Pereira – 20 anos da desencarnação – <i>Affonso Soares</i>	25
Dez passos para um bom relacionamento familiar – <i>Umberto Ferreira</i>	26
Lamento paterno – <i>José Guedes</i>	27
Dimensões espirituais do Centro Espírita – Parte II – <i>Suely Caldas Schubert</i>	28
Programa transcendente de conquistas imateriais – <i>Rogério Coelho</i>	34
Os sentimentos – <i>João Fernandes da Silva Júnior</i>	35
Retificando...	35
Assembléias Gerais	37

Editorial

Lei de Liberdade

“Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.”

Paulo – (II Co, 3:17.)

Um dos pontos mais marcantes da mensagem cristã que o Espiritismo revive é a aplicação da Lei de Liberdade¹. Com o conhecimento dessa lei amplia-se de forma ainda mais profunda a compreensão da grandiosidade de Deus e de sua Justiça.

Jesus, o guia e modelo para todos nós, a exemplificou, além de nos ensinar, tornando nula qualquer pretensão de tentar vincular a sua Doutrina, repleta de amor e de sabedoria, aos procedimentos de imposição de idéias que, inúmeras vezes, foram adotados em seu nome. Expressões como: “*Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo (...)*”²; “*Se me amais, guardai os meus mandamentos (...)*”³; “*(...) aquele que quiser tornar-se o maior, seja vosso servo (...)*”⁴, não deixam dúvidas quanto ao respeito que Jesus, em nome da Providência Divina, sempre dedicou ao direito que todo ser humano tem de exercer a sua liberdade, enfrentar os seus desafios e adquirir a experiência de que necessita para a sua evolução.

Uma realidade que o estudo da Lei de Liberdade nos demonstra é que ela nunca se apresenta sozinha. A liberdade, que nos permite agir do modo que quisermos, sempre se faz acompanhar da responsabilidade, que é a resposta das Leis Divinas e Naturais à nossa ação. Isto nos ensina a usar a liberdade de tal modo que a resposta da Natureza atenda aos nossos interesses de progresso e melhoria espirituais, construindo a paz junto à nossa consciência. Aprendemos, também, que a liberdade cresce no homem à medida que cresce o seu conhecimento dessas leis, como cresce também, na mesma proporção, a sua responsabilidade.

Percebe-se, assim, o equilíbrio em tudo o que nos cerca, presidido pela Lei de Amor que emana de Deus, que nos estimula à prática da caridade plena, como o caminho mais adequado à nossa evolução espiritual, edificada através do exercício consciente da liberdade.

¹ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, Parte 3ª, cap. X, p. 383.

² _____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXIV, item 18, p. 353.

³ *Idem, ibidem*, cap. VI, item 3, p. 128.

⁴ *Idem, ibidem*, cap. VII, item 4, p. 135.

Livre-arbítrio

Juvanir Borges de Souza

Todos os Espíritos foram criados simples e ignorantes, dotados de livre-arbítrio, para vivenciarem o *bem* ou o *mal*, conforme o ensino da Doutrina dos Espíritos (*O Livro dos Espíritos*, q. 120 e seguintes, 83. ed., FEB).

Esse princípio da Terceira Revelação, tão importante para que o homem possa entender a si mesmo, começou a ser conhecido com Sócrates e Platão, precursores dos ensinamentos do Cristo e do Espiritismo.

A partir dos meados do IV século antes da Era atual, Sócrates, que não deixou escritos e que foi vítima do fanatismo dos crentes nas idéias predominantes de seu tempo, tal como ocorreu com o Cristo, pressentiu várias das idéias transmitidas mais tarde aos homens, pelo Cristianismo e pela Doutrina dos Espíritos (v. “Sócrates e Platão, precursores da idéia cristã e do Espiritismo” – inciso IV da Introdução de *O Evangelho segundo o Espiritismo* – 96. ed., FEB). Platão, seu discípulo, através de obras escritas, foi quem transmitiu à posteridade os ensinamentos de seu mestre.

É com as doutrinas estoicas gregas do século III a.C. e principalmente com Epicteto, filósofo estoico do século I da nossa Era, que o livre-arbítrio se constitui o fun-

damento essencial das idéias filosóficas estoicas e de sua consideração moral.

Epicteto, escravo liberto por Nero, exemplifica com sua própria vida a importância do livre-arbítrio na fixação da vontade individual, dos desejos e das aspirações.

Mesmo como escravo, nunca deixou de ser livre, interiormente, para conduzir sua vontade, serenidade, moralidade e ataraxia.

Não há como negar-se a proximidade dessas idéias com os ensinamentos cristãos e espíritas, que baseiam a responsabilidade individual na liberdade de escolha, no livre-arbítrio de cada ser humano, encarnado ou não.

O livre-arbítrio é a expressão da vontade do Espírito no discernimento de seus pensamentos e ações.

Por isso, o Criador dotou cada Espírito, desde o início de sua criação, da liberdade de pensar e de agir.

Nenhum ser humano é levado à prática do mal por fatalidade, ou por determinismo da lei natural.

A fatalidade, como ensinaram os Espíritos Reveladores, corresponde à escolha, feita pelo próprio Espírito, de determinadas provas que deve sofrer no plano físico, como resgate ou aperfeiçoamento. Nesse caso, o que aparenta ser uma fatalidade, uma espécie de destino, nada mais representa senão a prévia escolha do próprio Espírito, no uso de sua liberdade.

Se a aparente fatalidade ocorre no plano físico das provas, o mesmo não acontece no que concerne às provas morais, às fraquezas, às tentações ao mal, nas quais o Espírito conserva sempre o livre-arbítrio, dependendo de sua vontade ceder ou resistir às influências exteriores.

...

É de extrema importância a contribuição da Doutrina Espírita para o esclarecimento do que representa o livre-arbítrio, dentro da lei de liberdade, de que goza o homem, como lei natural.

Por falta de entendimento do livre-arbítrio e de suas consequências, a maior parte das grandes religiões do passado e do presente incidem em erros graves referentes à responsabilidade individual de cada criatura humana e à compreensão da lei natural, ou divina.

Somente com o Espiritismo, o Consolador, foi possível o entendimento racional da Justiça Divina, que leva em consideração o pensamento de cada ser, sua liberdade de agir, as circunstâncias em que se encontra, os embaraços que se opõem à liberdade e à responsabilidade final do Espírito.

Assim, nas primeiras fases da existência, em que a criança não tem o livre-arbítrio e a vontade em sua plenitude, sua responsabilidade se ajusta à situação passageira.

Do mesmo modo, aquele que tem suas faculdades de pensar e agir

perturbadas, por qualquer causa, como na idiotia e doenças mentais graves, sua responsabilidade por atos praticados será proporcional ao constrangimento que sofre.

Entretanto, se o indivíduo procura cercear, conscientemente, suas faculdades de discernimento, através de drogas ou da embriaguez, sua responsabilidade duplica, já que procurou anestesiar propositalmente sua razão.

Quanto maior for a faculdade de discernimento, quanto mais desenvolvida a inteligência, maior será também a responsabilidade individual.

Por desconhecerem a importância do livre-arbítrio e da vontade individual na vivência de cada um, as teologias de várias procedências procuraram ajustar as crenças, os dogmas, as práticas e cultos às diversas concepções religiosas de Deus, atribuindo-lhe, muitas vezes, injustiças que nem os homens praticam, como a “salvação pela fé”, a “salvação pelo sangue de Cristo”, o “fora da Igreja não há salvação”, o “estava escrito” e outros muitos enganos, em total contradição com as leis de Amor e Justiça que promanam do Criador.

Entretanto, Santo Agostinho, que viria a ser um dos integrantes da plêiade de Espíritos Superiores sob a égide do Espírito da Verdade, já no IV século d.C., discorrendo sobre o livre-arbítrio, considerava-o como um dom de Deus e que o seu bom ou mau uso levaria o ser humano à felicidade ou à desdita.

Se o livre-arbítrio é um dom de Deus a cada Espírito criado, para que cada qual escolha o caminho a seguir, em todas as ações de sua vida, o ideal a alcançar será a plenitude do Bem em cada um de nós.

Em mundos atrasados, como a Terra, estamos longe dessa plenitude.

Essa constatação não é para nosso desânimo, mas para conscientizar-nos de que temos as condições de seguir à frente.

O Cristo de Deus já traçara diretriz correta para todos os habitantes deste orbe para a libertação interior: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” (João, 8:32.)

Hoje, temos à nossa disposição o conhecimento das leis e dos princípios superiores que nos desvendam a verdade e que nos vão libertando das amarras da ignorância e da maldade.

**A liberdade
de que gozam
os habitantes
terrestres não é,
nem poderia ser,
de caráter
absoluto**

Quanto mais se adianta o Espírito, em conhecimento e em moralidade, mais cresce seu livre-arbítrio, sua liberdade de escolha, sua responsabilidade. Por isso, o homem, mais esclarecido nas sociedades modernas, também é mais responsável que o ignorante, por suas ações.

Detentor do livre-arbítrio, o homem está sujeito, entretanto, às influências do meio em que vi-

ve, dos costumes e dos usos da sociedade a que pertence e também às influências dos seres espirituais invisíveis. Sua maior ou menor sujeição a todas essas sugestões depende de sua vontade, de sua maior ou menor firmeza nas convicções para obrar no bem ou no mal.

A libertação e a redenção de cada um apóiam-se na aceitação das responsabilidades e no cumprimento de todos os deveres, de ordem moral, espiritual e social prescritos nas leis naturais que regem a vida.

As dificuldades para a aceitação e o cumprimento desses deveres variam de conformidade com a consciência, a vontade de cada Espírito e a capacidade que cada um apresenta dentro das diversas categorias em que podem ser classificados: maus, ignorantes, convertidos ao Bem, arrependidos, redimidos, bons, superiores.

A liberdade de que gozam os habitantes terrestres não é, nem poderia ser, de caráter absoluto, diante da condição do nosso mundo de expiações e provas.

Da liberdade plena só gozam, por conquista, os Espíritos puros, aqueles que chegaram ao ápice da escala evolutiva e que se colocam a serviço do Criador, a Inteligência Suprema. Jesus é o exemplo e o modelo para a Humanidade terrestre. Por isso, Ele se declarou o Filho de Deus, uno com o Pai, no sentido de cumpridor e executor de todas as suas leis.

Opondo-se ao livre-arbítrio como integrante da alma humana, desde sua criação, como ensinam os Espíritos Reveladores, correntes filosóficas radicalmente contrárias a esse dom natural ainda subsistem, oriundas de pensadores e filosofias

antiquíssimos, que até hoje influenciam religiões e concepções, tais como o fatalismo, o determinismo e a predestinação.

O fatalismo absoluto procura mostrar que todos os acontecimentos, por mínimos que sejam, estão predeterminados por um poder sobrenatural, cabendo ao homem conformar-se com seu destino, bom ou mau.

Para o determinismo, o homem não é livre para agir, uma vez que está subordinado a muitas contingências às quais não pode fugir, tais como a raça a que pertence, com suas inclinações e costumes, os princípios religiosos que segue, a educação, a instrução e os hábitos adquiridos, o sexo, a saúde física e mental, etc.

Já os que admitem a predestinação se baseiam na crença em um poder divino que distribui sua graça privilegiando determinadas criaturas, enquanto assinala outras para uma atuação reprovável. Dessa forma, não cabe ao homem decidir o que quer, mas simplesmente conformar-se com a vida que recebeu, que o conduzirá, após a morte, ao céu ou ao inferno.

Infelizmente, religiões respeitáveis que chegaram aos dias atuais admitiram em seu seio determinadas correntes de pensadores que aceitam e seguem essas doutrinas desviadas da realidade.

...

“15 – Desconhecemos a origem e o modo de criação dos Espíritos; apenas sabemos que eles são criados simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, porém perfectíveis e com igual aptidão para tudo adqui-

rirem e conhecerem, com o tempo. A princípio, eles se encontram numa espécie de infância, carentes de vontade própria e sem consciência perfeita de sua existência.

16 – À medida que o Espírito se distancia do ponto de partida, desenvolvem-se-lhe as idéias, como na criança, e, com as idéias, o livre-arbítrio, isto é, a liberdade de fazer ou não fazer, de seguir este ou aquele caminho para seu adiantamento, o que é um dos atributos essenciais do Espírito.” (*Obras Póstumas*, de Allan Kardec – Primeira parte – Profissão de Fé Espírita Raciocinada – p. 36, 37 – 24. ed., FEB).

Sem o livre-arbítrio de que foi dotado pelo Criador, o homem não teria culpa na prática do mal, nem mérito na prática do bem. Sua vontade está estreitamente ligada à liberdade de que goza.

Os ensinamentos e esclarecimentos da Doutrina Espírita, com sua coerência diante da realidade da vida, respondem a todas as indagações de ordem filosófica, religiosa, ética e moral sobre o livre-arbítrio individual, conjugado com o determinismo de certos acontecimentos, como a fatalidade da morte física, por exemplo.

Mas é sempre necessário lembrar que há uma sucessão de existências do Espírito, na Terra e em outros mundos, e não uma única vida, como equivocadamente interpretaram as Igrejas os ensinamentos oriundos do Cristianismo primitivo.

A liberdade da alma humana é tão preciosa, como parte integrante do ser, que a Humanidade, na passagem pelas mais diversas formas de organização social, chegou à conclusão de que essa liberdade interior

do homem precisava expandir-se pelas instituições humanas.

Assim, após milênios em que a organização social ficou sujeita ao poder dos potentados, dos reis absolutistas, aos abusos dos mais fortes, à escravidão dos vencidos e à exploração dos mais fracos, o homem começou a perceber que essa liberdade interior de que é dotado deveria expandir-se para o exterior, como luz a iluminar a convivência nas sociedades humanas.

Esse culto à liberdade, contra todas as formas de subjugação, expandiu-se com o Iluminismo dos séculos XVII e XVIII, culminando com a Revolução Francesa de 1789 e com a abolição da escravidão em diversos países do mundo.

A liberdade de cada um pode expandir-se até à liberdade dos outros indivíduos, formando uma cadeia solidária.

Somente com a conquista da liberdade, dentro dos limites da responsabilidade dela resultante, foi possível o reconhecimento dos direitos das minorias, o reconhecimento e a expansão de idéias novas contrárias a outras assentes e aceitas pela maioria, a retificação de erros seculares, a reorganização de leis humanas injustas e iníquas.

Do livre-arbítrio resultam as mais sérias consequências para a ordem social, para a educação, para a justiça, para a legislação em geral.

A Doutrina Consoladora traz esclarecimentos decisivos sobre o verdadeiro sentido do livre-arbítrio, patrimônio de todo ser humano. Está contribuindo decisivamente, com esse conhecimento, para evitar a influência perniciosa do materialismo multifário sobre a natureza do homem e sobre seu futuro. ■

Ingenuidade

Richard Simonetti

Estava “a perigo”.
Precisava, urgentemente, de dinheiro.

Após “passar nos cobres” objetos de uso pessoal e variados pertences, decidiu vender algo menos palpável.

A própria alma!

Anunciou num *site* de leilões da Internet e, pasme leitor amigo, encontrou comprador!

Vendeu a indigitada por trinta e um dólares, entregue ao feliz (?) comprador, acondicionada num vidro vazio de doce, devidamente tampado.

Moral da história:

Jamais perderemos dinheiro, apostando na ingenuidade humana.

Sempre há alguém disposto a pagar pelo absurdo.

...

Essa curiosa notícia lembra um dos grandes clássicos da literatura universal:

Fausto, de Goethe (1749-1832), em que o personagem-título vende sua alma ao demônio.

O tihoso dispôs-se a atender seus desejos na Terra para tiranizá-lo no Além.

Segundo a teologia ortodoxa, demônios foram anjos que pecaram antes da criação de Adão e foram condenados ao inferno.

Conservando a inteligência e os poderes angelicais, passaram a empregar-los para exercitar o mal, procurando induzir à perdição nós outros, pobres mortais, alheios às suas desavenças com o Todo-Poderoso.

Os anjos rebelados têm produzido estragos imensos, sempre dispostos a “comprar” as almas, explorando as fraquezas humanas.

É fácil constatar isso.

Basta observar o panorama desolador de nosso mundo, onde se sucedem, incessantes, guerras, crimes, mentiras, traições, vícios, envolvendo indivíduos e coletividades, perpetuando desajustes e dores.

Tem-se a impressão de que os demônios são mais poderosos que Deus, pondo em dúvida atributos divinos como:

- Onisciência.
Criou anjos sem saber que iriam perder-se, nem que induziriam os homens à perdição.
- Onipotência.
Não conseguiu evitar que se perdessem.
- Amor infinito.
Não ofereceu infinitas oportunidades de reabilitação.
- Justiça.
Impôs-lhes eterna danação, sem considerar que a extensão da pena não pode ultrapassar a natureza do crime.

...

A Doutrina Espírita desfaz milenares enganos a respeito do Demônio.

Não há seres devotados eternamente ao mal. Apenas filhos rebeldes de Deus, submetidos a leis inexoráveis de evolução, que mais cedo ou mais tarde modificarão suas disposições, reconduzindo-os aos roteiros do Bem.

Jesus afirmava que Deus não quer perder a nenhum de seus filhos, e não perde mesmo, ou não seria o Onipotente. Sob a regência divina, os demônios de hoje serão Espíritos perfeitos, amanhã.

Séculos de lutas e sofrimentos, no desdobramento de suas experiências evolutivas, porão juízo em suas mentes conturbadas, despertando neles a nostalgia de Deus.

...

Em última instância, diabos somos nós, quando nos comprometemos com o mal.

“Vendemos” nossa integridade por ninharias, aos demônios interiores da cobiça, da ambição, do vício, dos prazeres sensoriais, e perdemos o rumo da vida.

Arremedos do gênio da lâmpada de Aladim, cerceamos voluntariamente nossas potencialidades de filhos de Deus, ao nos tornarmos meras “almas em conserva”, voluntariamente prisioneiros de reluzentes e comprometedoras paixões. ■

A arte de amar

Adilton Pugliese

O escritor italiano Leo Buscaglia (1924-1998), naturalizado americano, escreveu um livro sobre o que ele chama de **a maior experiência da vida: o amor**. E deu ao livro o título *Amor*. Os dois capítulos iniciais ele dedica a examinar duas questões básicas: 1 – o amor é um fenômeno que se aprende; 2 – o homem precisa amar e ser amado. “Psicólogos, psiquiatras, sociólogos, antropólogos e educadores já sugeriram em inúmeros estudos e trabalhos que *o amor é uma resposta aprendida, uma emoção aprendida*. O modo como o homem aprenderá a amar parece estar diretamente relacionado com sua capacidade de aprender, com aqueles no seu ambiente que o ensinam, assim como com o tipo, a extensão e a sofisticação de sua cultura.”¹

Há muitos exemplos relativos a essa questão das origens culturais do ser, do ambiente em que vive, influenciando decisivamente em sua capacidade de aprender a amar. Se amar se aprende amando, podemos dizer, também, que ser amado é fator fundamental na vida do ser humano. Madre Teresa de Calcutá se referia a essa questão, ao declarar que era muito triste constatar a existência de seres humanos que não eram amados. Carl Gustav Jung

(1875-1961) no livro *O Desenvolvimento da Personalidade*, se refere a crianças com transtornos, limitadas, declarando que lhes faltava o *efeito psíquico alimentador* de suas mães, “de que toda a criança precisa necessariamente para viver”.²

Amar e ser amado poderiam ser uma questão de *educação*? De ensino-aprendizado? Ao refletir sobre essa questão lembrei-me que Allan Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, na questão 685, define a educação como uma arte, a *arte de formar os caracteres*. Porque, afirma, *a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos*.³

O amor seria, então, uma Arte? Quem assim pergunta é outro estudioso do comportamento humano, o psiquiatra alemão, naturalizado americano Erich Fromm (1900-1980), autor de várias obras. Uma delas ele escreveu sobre esse fascinante assunto, a arte de amar, que é o título do livro. É o amor uma arte? Pergunta, então, Erich Fromm. Se o é, diz, exige dois procedimentos: *conhecimento e esforço*.

Fromm declara que muitas pessoas acreditam que o amor é uma sensação agradável, que se experimenta por acaso, algo em que se “cai” quando se tem sorte, não sendo, assim, uma coisa que necessita ser aprendida. Ele destaca três erros que levam à idéia de nada *haver para ser aprendido a respeito de amar*.⁴

Primeiro erro: a maioria das pessoas vê o problema do amor, an-

tes de tudo, como o de *ser amado*, em lugar do *de amar*, da *capacidade de alguém para amar*. Para muitas pessoas o problema é *como serem amadas*. Na busca desse alvo seguem diversos caminhos. Um deles é ter sucesso, ter todo o poder e riqueza que a posição social permitir. Outro é tornarem-se atraentes, pelo cuidado com o corpo, o vestuário, o desenvolvimento de maneiras agradáveis, a etiqueta, a conversação interessante etc;

Segundo erro (de que nada há a aprender a respeito de amar): é a idéia de que o problema do amor é o problema de um *objeto* e não o de uma *faculdade*. Pensa-se que amar é simples, mas que é difícil encontrar o objeto certo a amar – ou pelo qual ser amado;

Terceiro erro: consiste na confusão entre a experiência inicial de *cair* enamorado e o estado permanente de estar amando, de *permanecer* em amor.

Esses três erros, de que nada é mais fácil do que amar têm provocado muitos fracassos, frustrando muitas esperanças e expectativas. Como superar esses equívocos? Fromm recomenda uma atitude: tornar-se consciente de que o amor é uma arte, assim como viver é uma arte. Se quisermos *aprender como se ama*, devemos proceder do mesmo modo como agiríamos se quiséssemos aprender qualquer outra arte, seja a música, a pintura, a medicina, o que envolve, necessariamente, o domínio da teoria e da prática.

Muitos consideram que o amor é constituído pelo objeto, acreditando que a prova da intensidade do amor está em “não amar ninguém além da pessoa amada”. É um equívoco que não permite ver que o amor é uma faculdade da alma, destaca o autor de *A Arte de Amar*.

Fromm faz um estudo entre vários tipos de amor: o amor fraterno; o amor materno; o amor erótico; o amor-próprio; o amor de Deus (que ele chama *a forma religiosa de amor*). Declara, contudo, que a mais fundamental espécie de amor, que alicerça todos os tipos de amor, é o **amor fraterno**, elevado à excelência dos sentimentos por Jesus quando declarou: **ama o teu próximo como a ti mesmo**.⁵

O escritor enfatiza que o amor fraterno é excelente porque é amor para todos os seres humanos, caracterizando-se pela falta de exclusividade e que só no amor ao desamparado, ao pobre e ao estranho é que o amor começa a desdobrar-se, conclui.

Allan Kardec, o inesquecível Codificador da Doutrina Espírita, é um dos grandes exemplos desse amor. Sua capacidade de amar a Humanidade o fez deixar tudo, todos os objetos de amor que o interessavam (os livros didáticos, a realização profissional e social como pedagogo e diretor de educandários etc.) para dedicar-se à missão de Codificador do Espiritismo, amor que ele confirmou ao concluir *O Livro dos Espíritos*: “(...) **Foi a obra de minha vida. Dei-lhe todo o meu tempo, sacrifiquei-lhe o meu repouso, a minha saúde, porque diante de mim o futuro estava escrito em letras irrecusáveis**.”⁶

O Espírito Joanna de Ângelis, quando de sua reencarnação no século XVII, no México, na personalidade de Sórora Juana Inés de la Cruz (1651-1695), destacou-se pela sua inteligência e vasta cultura, dominando retórica, latim, ciências e o idioma português. Dedicava-se à poesia, à música, aos seus escritos em sua imensa biblioteca de mais de quatro mil volumes. Um dia, porém, meditativa, questionou-se e decidiu por movimentar-se. Percebeu, naquele instante em que os sinos do Convento tocavam a hora do *angelus* que para estar com Jesus precisava dar tudo o que tinha e segui-LO. E se desfaz da tranquilidade do seu gabinete de estudos, da leitura de uma obra rara, e vai para a periferia para “lavar as feridas dos irmãos anônimos e sofridos, socorrendo todas as necessidades”. Redireciona, assim, os *objetos* do seu amor em prol dos mais necessitados, norteando os seus passos para a Caridade, para o amor fraterno.⁷

Os espíritas, encontraremos sempre a ênfase da importância do amor fraterno em Jesus e no Espírito de Verdade. O primeiro, quando

sentenciou: “*Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros*”.⁸ E o segundo por conclamar: “*Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo*.”⁹ ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹BUSCAGLIA, Leo. *Amor*. 6. ed., Rio de Janeiro: Editora Record., p. 47.

²JUNG, Carl Gustav. *O Desenvolvimento da Personalidade*. s/ed. São Paulo: Círculo do Livro, p. 104.

³KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 83. ed., Rio de Janeiro: FEB. 2002, Parte 3ª, cap. III, Comentário de Kardec, p. 331.

⁴FROMM, Erich. *A Arte de Amar*. 3. ed., Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1964. p. 19 e ss.

⁵*Id. ibid*, p. 50.

⁶KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. 30. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, Constituição do Espiritismo, item X, p. 376.

⁷NORONHA, Altiva Glória F. *O Peregrino do Senhor*. 1. ed., Salvador: LEAL, p. 127 e ss.

⁸João 13:35.

⁹KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 121. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2003, cap. VI, item 5, p. 130.

Um estudo filosófico do Amor

Um estudo filosófico do amor apresenta-o sob dois aspectos a considerar: o que procede das tendências eletivas e o das inclinações domésticas. No primeiro grupo estão as expressões do ideal ou manifestações platônicas, o que dimana da razão, o sensual, o fisiológico... E no outro, os da consangüinidade, tais: o amor familiar, o conjugal...

O amor por eleição procede das fontes íntimas do sentimento e se expressa na oscilação variável dos

impulsos imediatos, desde a brutalidade, em que se exterioriza, animalizado, até às excelentes manifestações do fervor estético e estésico, em que se sublima, nas culminâncias da santidade.

Joanna de Ângelis

Fonte: FRANCO, Divaldo P. *Estudos Espíritas*. 7. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1999, cap. 21, p. 159. Transcrição parcial.

União e Unificação

Mensagem do Dr. Bezerra de Menezes no 1º Congresso Espírita do Estado do Rio de Janeiro

Filhas e filhos da alma,
que Jesus nos abençoe!

A união dos espíritas é ação que não pode ser postergada e a unificação é o laço de segurança dessa união.

A união vitaliza os ideais dos trabalhadores, mas a unificação conduz com equilíbrio pelas trilhas do serviço.

A união demonstra a excelência da qualidade da Doutrina Espírita nos corações, mas a unificação preserva essa qualidade, para que passe à posteridade conforme recebemos do ínclito Codificador.

Em união somos felizes. Em unificação estamos garantindo a preservação do Movimento Espírita aos desafios do futuro.

Em união teremos resistência para enfrentar o mal que existe em nós e aquele que cerca o nosso caminho, tentando impossibilitar-nos o avanço. Em unificação estaremos consolidando as atividades que o futuro coroará de bênçãos.

Em união marcharemos ajudando-nos reciprocamente. Em unificação estaremos ampliando os horizontes da divulgação doutrinária em bases corretas e equilibradas.

Com união demonstraremos a nós mesmos que é possível amar sem exigir nada. Com unificação colocaremos as idéias pessoais em planos secundários, objetivando a coletividade.

Com união construiremos o bom, o belo e o nobre. Com unificação traremos de volta o pensamento do Codificador, preservando a unidade da Doutrina e do Movimento Espírita. Com união entre os companheiros encarnados, tornaremos mais fácil o intercâmbio entre nós outros, os que os precedemos na viagem de volta, e eles, que rumam pela estrada difícil. Com unificação estaremos vivenciando o Evangelho de Jesus quando o Mestre assevera: “Um só rebanho, um só pastor.”

Unindo-nos, como verdadeiros irmãos, estabeleceremos o laço de identificação com os propósitos dos Mentores da Humanidade, que esperam a influência que o Espiritismo provocará no mundo, à medida que seja conhecido e adotado nas áreas da ciência, das artes, do pensamento filosófico e das religiões.

União para unificação, meus filhos, é o desafio do momento.

Rogando a Jesus que nos abençoe e nos dê a sua paz, o servidor humílimo e paternal de sempre,

Bezerra

(Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo P. Franco, por ocasião do encerramento do 1º Congresso Espírita do Estado Rio de Janeiro, na manhã de 25/1/2004, na sede da Federação Espírita do Rio de Janeiro, em Niterói.)

Liberdade de consciência religiosa

Dulcídio Dibo

No estudo interdisciplinar entre Doutrina Espírita e a Sociedade Brasileira, convém revisar temas sempre atuais e oportunos como liberdade de consciência, tolerância e fanatismo religioso. A propósito, nas Civilizações Antigas, como a Egípcia e a Greco-Romana, surgiram frases memoráveis em defesa do direito de expressão. O filósofo Demóstenes (384-323 a.C.), na Civilização Grega, em discursos como “Philippicas”, Olympicas declarava que não pode existir maior calamidade ao homem de que “ser privado da liberdade de expressão”.

Liberdade de Consciência – Neste sentido, na Civilização Ocidental, dita Cristã, durante o período chamado Iluminismo (século XVIII) surgiu a idéia de tolerância com base na afirmação de que não existe uma verdade absoluta entre os homens, principalmente em questões religiosas. Este movimento renovador consistia em admitir o poder da Razão de reorganizar o mundo do homem¹. Daí nasceu a liberdade de consciência, e a expressão de maior impacto foi a do filósofo francês Voltaire (1695-1778), ao afirmar: “Discordo do que dizes,

mas defenderei até a morte teu direito de dizê-lo.” E, na obra *Tratado sobre a Tolerância* conclamava: “Oh, Deus de todos os seres, mundos e dos tempos. Fazei com que as diferenças entre nossos costumes ridículos, entre nossas opiniões insensatas, tão desproporcionadas aos nossos olhos, e tão iguais diante de Vós, não sejam sinais de ódio e perseguição.”

A luta pela liberdade de consciência e tolerância religiosa prosseguiu nos séculos seguintes, até, finalmente, ser reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948 com a Declaração Universal dos Direitos do Homem: “Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião.” No Brasil está assegurada na Constituição Brasileira, em seu artigo 5º, inciso VI, que garante a liberdade de consciência e de crença². E ainda mais: conforme o Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH), a intolerância e a agressão religiosa devem passar a ser consideradas crimes contra os direitos humanos. Allan Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, considera na questão 835: “A consciência é um pensamento íntimo, que pertence ao homem (...).”³ E, na questão 837 completa: “(...) A liberdade de consciência é um dos caracteres da verdadeira civilização e do progresso.”⁴ De outro lado,

Allan Kardec ainda retrabalha com o conceito de consciência, em *Obras Póstumas*, quando declara: “A Doutrina Espírita proclama a liberdade de consciência, como direito natural; reclama-a para si e para todos; respeita toda convicção sincera e pede reciprocidade”.⁵ E é por isso que em decorrência da liberdade de consciência pode resultar, em matéria de fé religiosa, o direito de livre-exame, principalmente, dos Evangelhos, como efetivamente acontece, na Doutrina Espírita, quando os analisa e interpreta, notadamente, na obra *O Evangelho segundo o Espiritismo*.⁶

Fanatismo Religioso – Estas considerações nos levam a procurar definir liberdade como a capacidade do homem consciente de “auto-determinar-se, ante a multiplicidade de alternativas de opções que se lhe oferecem, em cada situação concreta, agindo ou deixando de agir, desta ou daquela maneira”.⁷ Desta forma, a liberdade de consciência está relacionada com a tolerância religiosa, da mesma maneira que a ausência de liberdade de consciência está em relação direta com o fanatismo religioso. A propósito, a expressão “fanatismo” provém do latim “fanaticus = de ‘fanum’ que significa templo ou lugar consagrado ao culto; daí ‘fanático’ era o indivíduo que acreditava na consagração de uma divindade pre-

sente no culto: era o crente de uma divindade.

Consequência do Fanatismo – Contudo, a expressão “fanático” evolui designando “a aceitação incondicional de um indivíduo a uma idéia e no sentido mais amplo, a aceitação de uma ideologia” (como a de um partido político entre outras) bem como de uma crença, seita e, notadamente, de uma religião.

Neste contexto, o fanático que acredita que sua verdade é a única, possui características fundamentais, como:

a) o fanatismo reprime no fanático o exercício de suas capacidades críticas, onde sempre observa qualidades ou superestima a sua; ou, no sentido oposto, defeitos e depreciações, combatendo, por isso, com ódio implacável os que são contrários à crença, seita ou religião. É por isso que se afirma que o fanático é um verdadeiro fabricante de ídolos ou de vítimas;

b) o fanatismo desperta no fanático uma disposição de auto-imolação, levando-o a dedicar-se ao objeto de seu fanatismo com exclusividade, podendo mesmo chegar à sua própria destruição, como, aliás, se observa atualmente nas disputas geopolíticas no Oriente Médio, intimamente relacionadas com a religião.⁸

Egoísmo e Ambição – No sentido do fanatismo religioso, o Espírito André Luiz, nos ensina que, na atualidade, se acham em perigo todos aqueles indivíduos que pretendem transformar o próximo, procurando conquistá-lo de uma hora para outra, aos golpes de pregações verbais. Na verdade, admite-se que a religião deveria ser para todos os homens a compreensão do senti-

mento divino “(...) que prende o homem ao Criador”, contudo, muitos deles, há séculos, até presentemente, estavam mergulhados no egoísmo e na ambição hegemônica, pelo domínio mundial.

Emmanuel, neste sentido, na psicografia de Francisco Cândido Xavier, nos auxilia: “Dessa falsa interpretação têm nascido no mundo as lutas antifraternais e as dissensões religiosas de todos os tempos.”¹⁰ É por isso que se reafirma que a religião precisa constituir-se tal como um viveiro de idéias espiritualistas e não numa prisão do pensamento humano.

As religiões têm contribuído para a paz no mundo, mas também têm sido usadas para criar divisão e alimentar hostilidades

Compromisso Espírita – Neste sentido, emerge a posição do Movimento Espírita brasileiro (FEB) e do Conselho Espírita Internacional (CEI), ao assinarem o documento do Encontro de Cúpula Mundial dos Líderes Religiosos e Espirituais pela Paz Mundial, promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU) em agosto de 2000.

Diz o documento *Compromisso com a Paz Global*, dentre várias outras considerações, “(...) que as

religiões têm contribuído para a paz no mundo, mas também têm sido usadas para criar divisão e alimentar hostilidades”. Destacamos, dos termos do *Compromisso*, redigidos em 11 itens, os dois primeiros:

“1. Colaborar com as Nações Unidas e com todos os homens e mulheres de boa vontade, em âmbito local, regional e global, na busca da paz em todas as suas dimensões;

*2. Conduzir a Humanidade através de palavras e obras a um renovado compromisso com os valores éticos e espirituais, que incluem um profundo sentido de respeito por todas as formas de vida e pela dignidade inerente a cada pessoa e o seu direito de viver em um mundo livre da violência.”*¹¹

Parece, contudo, existirem ainda intolerância, segregação, fanatismo, daí a exclusão social, no Brasil, em relação à esfera da cultura negra (considerada periférica) em relação à cultura branca (central e hegemônica).

Auto-de-fé – No passado, um exemplo de fanatismo religioso que gerou intolerância se materializou também, na Inquisição espanhola e portuguesa, no chamado auto-de-fé. Este constituía em identificar “crimes de tolerância”, quer dizer, crimes nascidos na mente de indivíduos cristãos e não-cristãos que possuíam idéias diferentes ao Poder eclesiástico da época.¹²

No presente, embora não se constitua mais como um auto-de-fé, no Brasil, a intolerância religiosa leva à apropriação exclusiva dos Evangelhos por segmentos da religiosidade cristã. Neste contexto, não obstante, admitimos que a liberdade de consciência religiosa le-

va ao livre-exame dos Evangelhos. E, como sabemos, Jesus de Nazaré não explicitou a existência de herdeiros com poderes hegemônicos sobre os Evangelhos, nem afirmou que seria esta ou aquela interpretação bíblica, a verdadeira fé cristã.

Legado Sublime – Nesta conclusão em que se interrelacionam temas como liberdade de consciência, tolerância e fanatismo religioso, que levam à exclusão social, convém recordar pensamentos oportunos de Emmanuel. Este sinaliza que a Doutrina Espírita explicita que a religião irrepreensível do espírito humano perante Deus repousa acima de tudo no serviço ao próximo, bem como no amor e no trabalho em ação (caridade), além da tranquilidade de consciência. E é por isto que ao espírito consciente, se aconselha: “(...) Fugamos ao proselitismo fanatizante (...).

Fé espírita é libertação espiritual (...).

(...) Evangelho é alegria. Não é sistema de restringir as idéias ou tolher as manifestações, é vacinação contra o convencionalismo absorvente.

Busquemos o povo – a verdadeira paixão de Jesus (...).¹³ Eis por que Emmanuel, finalmente, pode sinalizar: “A religião viverá entre as criaturas, instruindo e consolando, como um sublime legado.”¹⁴ ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹ ARANHA, M. K. e MARTINS, M. H. P. *Filosofando: Introdução à Filosofia*, Ed. Moderna, São Paulo, p. 428.

² *Constituição da República Federativa do Brasil*. Título II, Art. 5º inciso VI, julgar Publ. Ltda/Uniban. São Paulo, p. 238.

³ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 83 ed.,

Rio de Janeiro: FEB, 2002, Parte 3ª, cap. X, perg. 835.

⁴ *Idem, ibidem*, perg. 837.

⁵ _____. *Obras Póstumas*. 30. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2001.

⁶ _____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 121. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2003, cap. XIX.

⁷ *Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo*, Ed. Ministério da Educação e Cultura (MEC), Rio de Janeiro, p. 307.

⁸ *Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo*, idem, p. 221.

⁹ XAVIER, Francisco C. *Emmanuel*, pelo Espírito Emmanuel. 22. ed., Rio de Janeiro: FEB,

2003, cap. IV, item Religião e religiões, p. 37.

¹⁰ _____. *O Consolador*, pelo Espírito Emmanuel. 23. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2001, perg. 292.

¹¹ *Reformador*, outubro de 2000, *Compromisso com a Paz Global*, p. 312-313.

¹² *Dicionário Brasileiro Enciclopédico Globo*, Ed. Globo, Porto Alegre, p. 184.

¹³ XAVIER, Francisco C. e VIEIRA, Waldo. *O Espírito da Verdade*, por Vários Espíritos (pelo Espírito Ewerton Quadros). 12. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2000, cap. 38, p. 95-96.

¹⁴ XAVIER, Francisco C. *Emmanuel*, pelo Espírito Emmanuel. 22. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2003, cap. IV, item O sublime legado, p. 37.

Liberdade

Para ser livre da mundana escória,
E alcançar a amplidão rútila e bela,
Vence os rijos furores da procela
Que te freme na carne transitória.

Despe os adornos da ilusão corpórea
E abraça a estranha e rígida tutela
Da aflição que te humilha e te flagela,
Por teu caminho de esperança e glória.

Agrilhado à cruz do próprio sonho,
Vara as trevas do bátrio medonho,
Nos supremos martírios da ansiedade!...

E, ave distante dos terrestres limos,
Celebrarás na pompa de Áureos Cimos,
A conquista da Eterna Liberdade.

Cruz e Souza

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Poetas Redivivos*. Diversos Espíritos, Rio de Janeiro: FEB, 1994, 3. ed., cap. 23, p. 47.

O paradigma da tolerância

Carlos Abranches

Não há tolerância quando nada se tem a perder, menos ainda quando se tem tudo a ganhar em suportar, isto é, em nada fazer.

André Comte-Sponville

Tolerância é o ato de respeitar as diferenças.

É colocar em prática um dos pilares da ética universal. É agir com base em valores integrais, que não dizem respeito a crenças provisórias e passageiras, muito embora o ser que tolera se sirva delas para fazer da atitude tolerante uma postura definitiva, que marque o seu tempo e a sua vida.

O pensamento que inspira esta página é do filósofo francês contemporâneo André Comte-Sponville, mestre de conferências da Universidade de Paris e autor do livro *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**, de onde extraí o trecho.

O tema é mais do que atual, sobretudo quando a maioria das pessoas revela grande dificuldade em conviver com opiniões divergentes das suas, complicando as relações na família, no trabalho e na sociedade.

É a falta de tolerância a causa de homens fanatizados se transfor-

marem em bombas vivas, levando consigo outras tantas vidas por causa da incapacidade de conviver com visões de mundo e de Deus diferentes das próprias.

Essa tese pode ter seu alcance estendido para outro ambiente, o da Casa Espírita, onde companheiros de convicção partilham ideais semelhantes, na busca de concretizá-los pela prática do bem, e nem sempre se utilizam da tolerância para superar ruídos da convivência.

A conduta tolerante é tão importante para o pensamento doutrinário que até Allan Kardec a colocou em destaque, ao afirmar que tolerância, trabalho e solidariedade são pilares fundamentais em qualquer obra voltada para o bem da Humanidade.

...

Será que se deve tolerar tudo? O bom senso sugere que não. Sponville usa o exemplo da Bíblia para justificar a resposta. Afirma que o livro, apesar de ser considerado sagrado por bilhões de pessoas, não é demonstrável nem refutável: portanto, ou se crê nele, ou se tolera que se creia nele.

Eis aí o problema. Se a crença na Bíblia deve ser tolerada (porque há os que não lhe dão valor algum), por que não tolerar também o *Mein Kampf*, de Hitler? E, se tolerarmos o *Mein Kampf*, por que não o racismo, a tortura, os campos de concentração?

Compreende-se que uma tolerância universal é moralmente condenável. Resta, portanto, propor uma forma existencialmente pragmática e eticamente aceitável de concebê-la como valor real, a ser colocado em prática, tal como Kardec sugere aos espíritas.

...

Um exemplo ocorrido com um amigo me chamou a atenção para o valor da tolerância como conduta moral. Em determinado dia, estava ele com um grupo de colegas, dentre eles dois homossexuais, quando se levantou uma discussão em torno da legitimidade do movimento gay.

Os rapazes apresentaram de forma vigorosa e convicta os argumentos utilizados por quem fez essa opção sexual, a fim de se protegerem dos ataques que de vez em quando alguns ainda fazem contra os homossexuais. Queriam, sobretudo, a aprovação de suas idéias por parte do amigo que com eles conversava.

Perguntado sobre como entendia o tema, meu amigo respondeu que não aceitava nenhum tipo de patrulha ideológica sobre sua forma de pensar, em virtude da pressão que se faz atualmente para que todos reconheçam, de forma irrestrita, os pontos de vista defendidos pelos gays.

Ele afirmou, sem fugir ao equilíbrio, que da mesma forma que as

*Ed. Martins Fontes, 1996, capítulo 13, p. 176, 3ª edição.

peessoas tinham o direito de viver conforme desejavam, ele também tinha o direito de não concordar com todas as opções de vida delas.

Atento à dinâmica natural nas relações humanas, explicou que “tanto quanto você tem o direito de agir como quer, tem igualmente o dever de tolerar minha forma diferente de conceber sua conduta. Assim também” – acrescentou – “ocorre comigo, que devo aprender a conviver com a diferença de conduta que vejo entre nossas opções de viver”.

Diante da postura nobre e assertiva, ao mesmo tempo respeitosa e diferente do que se tentava impor como padrão a ser aceito, o amigo deixou claro, com poucas palavras:

– Não sou obrigado a aplaudir sua causa, porém, devo aprender a conviver com ela, sem me sentir intimidado por pensar e agir diferente de você.

Adiante, ele completou, com serenidade amadurecida:

– Não devo abrir mão de meus princípios só para tentar adaptar-me ao que está vigente. Respeito sua opção sexual, e peço-lhe tolerância para respeitar meu ponto de vista. Nesse tempo, vou aproveitar para questionar sempre meus valores e princípios, para também amadurecê-los em favor de nossa convivência.

...

Eis o que se pode entender como tolerância em um fato atual, que mobiliza emoções muitas vezes exacerbadas, colocando em conflito as relações.

Uma dúvida: E quando o que está em jogo é um aspecto doutri-

nário, uma maneira de entender este ou aquele tema, ou de que forma ele vai ser aplicado nas atividades da Casa Espírita? Como fazer quando opiniões divergentes se chocam e não há a vigilância necessária para que a postura da tolerância supere as rugas das divergências?

Não vejo inspiração maior para deixar-se mergulhar no aroma da tolerância senão lembrar-se da figura ímpar do Codificador. Allan Kardec superou duras provas de paciência ao ser a primeira grande vítima dos ataques impiedosos da ignorância letrada, que o acusava de todo tipo de falcatura para denegrir a nova visão de mundo e de além-mundo que chegava.

Kardec não tolerou aqueles que caminhavam com ele. Esses, ele os amou. O professor exerceu a tolerância em mais alto grau para com os que o detravam, não sem oferecer-lhes as explicações seguras e profundas do que justificava seus argumentos.

Para Sponville, tolerar é responsabilizar-se, pois a tolerância que responsabiliza o outro não é tolerância. “Tolerar o sofrimento dos outros”, diz o autor, “tolerar a injustiça de que não somos vítimas, tolerar o horror que nos poupa não é mais tolerância: é egoísmo, é indiferença”.

Nesse caso, tolerar Hitler seria tornar-se cúmplice de seus crimes. Seria suportar intelectualmente uma dor que não vivemos junto daqueles que sofreram as consequências atrozes da perseguição aos judeus, durante a Segunda Guerra Mundial.

A tolerância de Kardec foi sempre acompanhada da responsabilidade do esclarecimento; logo por ele, o missionário da *verdade*, a

quem cabia tirar o véu da ignorância e do desconhecimento da realidade espiritual.

Tolerar é vestir de nobreza o trabalho solidário. Eis um dos grandes desafios que a Casa Espírita tem a vencer. Ao espírita, cabe abraçar a mesma causa, fazendo com que a presença na sociedade espírita seja cada vez mais agradável, porque ele sabe que está entre irmãos de ideal, tão precisados quanto ele do saudável remédio da tolerância para seguir adiante em seu trabalho no bem. ■

Conclusões populares

Faze tu, quanto te caiba,
Com teus cuidados cristãos!
O olho fiel do dono
É mais ágil que cem mãos.

Quem fala pouco na estrada
Evita muita contenda.
Prende agora a tua língua
Se não queres que te prenda.

Perdoa e auxilia sempre...
Quem ofensas muito apura,
Não tem a calma precisa,
Nem tem a vida segura.

Aos homens sem Jesus-Cristo
Não mostres, perdendo a calma,
Nem o fundo de teu bolso,
Nem o fundo de tua alma.

Se desejas grandes luzes,
Não sejas aflito e louco.
Em nenhum lugar da vida,
O que é muito custa pouco.

Casimiro Cunha

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Gotas de Luz*, 6. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, cap. 14, p. 37-38.

PRESENÇA DE CHICO XAVIER

Alergia e obsessão

Quem se consagra aos trabalhos de socorro espiritual há de convir, por certo, em que a obsessão é um processo alérgico, interessando o equilíbrio da mente.

Sabemos que a palavra “alergia” foi criada, neste século [séc. XX], pelo médico vienense Von Pirquet, significando a reação modificada nas ocorrências da hipersensibilidade humana.

Semelhante alteração pode ser provocada no campo orgânico pelos agentes mais diversos, quais sejam os alimentos, a poeira doméstica, os pólenes das plantas, os parasitos da pele, do intestino e do ar, tanto quanto as bactérias que se multiplicam em núcleos infecciosos.

As drogas largamente usadas, quando em associação com fatores protéicos, podem suscitar igualmente a constituição de alérgenos alarmantes.

Como vemos, os elementos dessa ordem são exógenos ou endógenos, isto é, procedem do meio externo ou interno, em nos reportando ao mundo complexo do organismo.

A medicina moderna, analisando a engrenagem do fenômeno, admite que a ação do anticorpo sobre o antígeno, na intimidade da célula, liberta uma substância semelhante à histamina, vulgarmente

chamada substância “H”, que agindo sobre os vasos capilares, sobre as fibras e sobre o sangue, atua desastrosamente, ocasionando variados desequilíbrios, a se expressarem, de modo particular, na dermatite atípica, na dermatite de contacto, na coriza espasmódica, na asma, no edema, na urticária, na enxaqueca e na alergia sérica, digestiva, nervosa ou cardiovascular.

Evitando, porém, qualquer preciosismo da técnica científica e relegando à medicina habitual o dever de assegurar os processos imunológicos da integridade física, recordemos que as radiações mentais, que podemos classificar por agentes “R”, na maioria das vezes se apresentam, na base de formação da substância “H”, desempenhando importante papel em quase todas as perturbações neuropsíquicas e usando o cérebro como órgão de choque.

Todos os nossos pensamentos definidos por vibrações, palavras ou atos, arrojam de nós raios específicos.

Assim sendo, é indispensável curar de nossas próprias atitudes, na autodefesa e no amparo aos semelhantes, porquanto a cólera e a irritação, a leviandade e a maledicência, a crueldade e a calúnia, a irreflexão e a brutalidade, a tristeza e o desânimo, produzem elevada percentagem de agentes “R”, de natureza destrutiva, em nós e em torno de nós, exógenos e endógenos,

suscetíveis de fixar-nos, por tempo indeterminado, em deploráveis labirintos da desarmonia mental.

Em muitas ocasiões, nossa conduta pode ser a nossa enfermidade, tanto quanto o nosso comportamento pode representar a nossa restauração e a nossa cura.

Para sanar a obsessão nos outros ou em nós mesmos, é preciso cogitar dos agentes “R” que estamos emitindo.

O pensamento é força que determina, estabelece, transforma, edifica, destrói e reconstrói.

Nele, ao influxo divino, reside a gênese de toda a Criação.

Respeitemos, assim, a dieta do Evangelho, procurando erguer um santuário de princípios morais respeitáveis para as nossas manifestações de cada dia.

E, garantindo-nos contra a alergia e a obsessão de qualquer procedência, atendamos ao sábio conselho de Paulo, o grande convertido, quando adverte aos cristãos da Igreja de Filipos:

— “Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é nobre, tudo o que é puro, tudo o que é santo, seja, em cada hora da vida, a luz dos vossos pensamentos.”

Dias da Cruz

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Instruções Psicofônicas*. Diversos Espíritos, 7. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, cap. 19, p. 97-99. ■

O aspecto consolador da intervenção dos Espíritos em nossas vidas

Jorge Leite de Oliveira

No primeiro capítulo, item nº 1 de *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec propõe a seguinte questão: “Há Espíritos?” Após algumas considerações sobre a existência de um corpo intermediário entre a alma, ou Espírito encarnado, corpo esse a que chamou perispírito, o Codificador da Doutrina Espírita, no item nº 4 desse mesmo capítulo, esclarece ser a existência da alma e a de Deus consequência uma da outra e “(...) a base de todo o edifício, antes de travarmos qualquer discussão espírita (...)”.

Se alguém não acredita nessa base, duvidando da existência de Deus, ou da alma e da sobrevivência desta após a morte, é inútil ir além, pois, afirma, seria como querer “(...) demonstrar as propriedades da luz a um cego que não admitisse a existência da luz (...)”.

Mas o Espírito pode comunicar-se conosco? A resposta é sim, pois se enquanto vivo o Espírito age sobre a matéria, não há razão para após a morte física não o fazer. Os fatos milenares vêm demonstrando que o fenômeno mediúnico nada tem de contrário às leis naturais. A história e as religiões de todos os

povos têm comprovado as manifestações dos Espíritos, que, de cerca de dois séculos para cá, assumiram um caráter de verdadeira “invasão organizada” pelo Plano Maior da existência.

Certa noite, há cerca de sete anos, deitamo-nos para o repouso noturno, por volta das 23h, e nossos três filhos: duas meninas e um menino, já haviam dormido. Antes de adormecermos, chamou-nos a atenção a ligação repentina da luz do corredor, sem que qualquer dos jovens houvesse acordado.

A esposa, um pouco assustada, pediu-nos para verificar o que tinha ocorrido, e constatamos que, embora não houvesse qualquer sinal de defeito no interruptor, o mesmo estava estranhamente ligado sem que ninguém no apartamento o houvesse acionado.

Acalmamos a consorte e nos preparamos novamente para dormir. De repente, o telefone do nosso quarto começou a emitir uns ruídos, como se alguém estivesse tentando entrar em contato conosco. Minha companheira atendeu e, em seguida, assustada, informou-nos que uma voz estranha de homem sussurrara-lhe brincando: – Te peguei. E desligou. No quarto dos nossos filhos não havia aparelho telefônico.

Novamente procuramos tran-

quilizá-la, dizendo-lhe que talvez houvesse ocorrido algum engano. E, finalmente, conseguimos dormir.

No dia seguinte, porém, a esposa informou-nos ter sonhado com um jovem sobrinho seu, simpaticamente do Espiritismo, desencarnado em acidente alguns anos atrás e que, em vida, tinha por ela uma grande afeição. Ele lhe disse que os fenômenos da noite anterior foram provocados por ele.

Após pedir-nos desculpas pelos sustos provocados com suas brincadeiras, esclareceu que apenas queria nos demonstrar sua presença entre nós. Sentimos, então, ser necessário orar por ele que, desde então, nunca mais se nos manifestou.

Em seu discurso pronunciado junto ao túmulo de Allan Kardec, o renomado astrônomo Camille Flammarion afirma que, de acordo com a ciência física, vivemos inseridos num mundo invisível para nós. Por isso, não é impossível seres invisíveis a nós viverem igualmente na Terra sem lhes podermos apreciar a presença, “(...) a menos que se nos manifestem por fatos que caibam na ordem das nossas sensações.” (Discurso de C. Flammarion. In: KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. Ed. FEB) É que a vida se situa em dois mundos: o físico e o espiritual.

Essa possibilidade de, em condições especiais, entrarmos em contato com os chamados desencarnados existe desde o surgimento do homem na Terra. Nada mais somos do que Espíritos, ora na veste física, ora fora dela, mas com um corpo espiritual que conserva, geralmente, a aparência de sua última encarnação.

Nos tempos modernos, as manifestações ostensivas dos Espíritos surgiram após os fenômenos de Hydesville, nos Estados Unidos da América, tornados públicos em 31 de março de 1848, quando o Espírito de um mascate assassinado na casa da família Fox, naquela aldeia, se comunicou por batidas que indicavam letras do alfabeto, transmitindo assim informações sobre sua morte, depois confirmadas.

Nos anos seguintes, os fenômenos das mesas girantes espalharam-se por todos os continentes, em especial na Europa, chamando a atenção de vários sábios. Entre eles, Hippolyte Léon Denizard Rivail, professor, escritor e magnetizador emérito, que os estudou e codificou a Doutrina Espírita sob o pseudônimo de Allan Kardec.

Em suas considerações sobre as manifestações dos Espíritos (*Obras Póstumas* – 23. ed. FEB, 1993, itens 1 e 2, p. 41), Kardec afirma que, “(...) nestes últimos tempos, as manifestações dos Espíritos assumiram grande desenvolvimento e tomaram um caráter mais acentuado de autenticidade, porque estava nos desígnios da Providência pôr termo à praga da incredulidade e do materialismo, por meio de provas evidentes, permitindo que os que deixaram a Terra viessem atestar sua existência e revelar-nos a situação ditosa ou infeliz em que se encontravam”.

Em seguida, expõe: “Vivendo o mundo visível em meio do mundo invisível, com o qual se acha em contato perpétuo, segue-se que eles reagem incessantemente um sobre o outro, reação que constitui a origem de uma imensidade de fenômenos, que foram considerados sobrenaturais, por se não lhes conhecer a causa.”

Essa ação é recíproca entre os Espíritos dos chamados mortos e nós, os chamados vivos. Entretanto, os conceitos de morte e vida são relativos. Quando foi perguntado por um jovem se o mesmo podia sepultar seu pai, antes de atender o convite para seguir o Cristo, este respondeu-lhe: “Deixa aos mortos o cuidado de enterrar os seus mortos e vai anunciar o reino de Deus.” (Lucas, 9:60.)

**A vida na Terra,
comparada com a
espiritual, não passa
de um estágio, em
geral doloroso, para
o Espírito que se
sente feliz em
libertar-se, como o
pássaro contente que
se liberta da gaiola
e voa livre pelo
espaço**

Nessa passagem, o objetivo de Jesus foi simplesmente nos deixar uma lição sobre o que é a vida e não o de recomendar a um filho que faltasse com o dever piedoso para com seu pai falecido. Quis mostrar-nos ser a vida espiritual a vida normal do Espírito, e que a vida física é temporária e breve, embora muito importante à evolução espiritual.

A vida na Terra, comparada com a espiritual, não passa de um estágio, em geral doloroso, para o Espírito que se sente feliz em libertar-se, como o pássaro contente que se liberta da gaiola e voa livre pelo espaço.

O intercâmbio entre nós e o mundo espiritual não somente faz parte das leis naturais, como é “(...) uma das forças da Natureza, tão necessária à harmonia universal, quanto a lei de atração (...)” (Kardec, op. cit.)

Conforme nos esclarece o Codificador, “a ciência espírita compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações em geral; filosófica, outra, relativa às manifestações inteligentes (...)” (*O Livro dos Espíritos*, Introdução, item XVII.)

O Espiritismo é uma ciência experimental com meios de observação especiais, em virtude de as ações das inteligências manifestantes não se subordinarem aos nossos caprichos. Não é algo que possa satisfazer à simples curiosidade inconsequente, por intermédio de atitudes levianas em torno de uma mesa, em que as pessoas submetam as entidades espirituais a perguntas frívolas e voltadas à satisfação egoística de seus desejos mundanos. ➤

> Os que agem levemente, ou com interesses materiais, em relação aos fenômenos mediúnicos, estão assumindo responsabilidades graves ante o Plano Espiritual, pois como nos alertam os Espíritos Superiores, toda mediunidade é instrumento de prova e serviço elevado para o médium e de consolo para os que nos encontramos na carne e fora dela.

Além de servir como auxílio aos Espíritos sofredores, muitos dos quais necessitando de nossas preces e observando-nos os atos, a mediunidade veio cumprir a promessa de Jesus: “— Mas quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito de Verdade, que procede do Pai, ele testificará de mim.” (João, 15:26.)

E foi exatamente o Espírito de Verdade quem, diariamente, acompanhou, instruiu, retificou equívocos

de Kardec e, em nome de Jesus, trouxe-nos a certeza sobre a possibilidade de nos comunicarmos com os Espíritos sofredores, ainda em maioria na Terra, para auxiliá-los com nossas orações, e também com os Espíritos Superiores, que nos incentivam à prática incessante do bem.

Mas inúmeros outros Espíritos elevados colaboraram, também, com a edificação da Doutrina Espírita. Um deles, Erasto, além de nos recomendar ser preferível “repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea” (*O Livro dos Médiuns*, cap. XX, item 230), deixa-nos o seguinte alerta:

“(…) Se, pois, agora, um médium, qualquer que ele seja, se tornar objeto de legítima suspeição, pelo seu proceder, pelos seus costumes, pelo seu orgulho, pela sua fal-

ta de amor e de caridade, repeli, repeli suas comunicações, porquanto aí estará uma serpente oculta entre as ervas. É esta a conclusão a que chego sobre a influência moral dos médiuns.” (Id. Ibid.)

Como, então, reconhecer o bom médium? Pelo seu desinteresse, pela sua humildade, pela sua abnegação à causa espírita, pelo permanente estudo das obras da Codificação de Allan Kardec, auxiliado pelas obras complementares ao edifício da Doutrina Espírita.

Os bons Espíritos nos recomendam ter sempre em mente os passos básicos para a nossa evolução espiritual: a luta contra tendências inferiores, a prática permanente do bem, o estudo, a disciplina, o cumprimento integral das obrigações e o respeito aos seres da Criação Divina, em especial ao nosso próximo. Desta forma, estaremos capacitando-nos a atrair a companhia e inspiração dos bons Espíritos e a auxiliar os sofredores, colocando todas as nossas forças na prática do bem.

Este é o aspecto consolador da intervenção dos Espíritos em nossas vidas: provar-nos que, como Espíritos, somos imortais e vivemos, ora na vida física, ora na espiritual. Não existe morte, afirmam-nos eles. Amando-nos e instruindo-nos, perderemos o temor da morte e das chamadas “almas do outro mundo”, que nada mais são do que nossas próprias almas fora da vestimenta física e em plano tão natural de existência como o em que acreditamos viver.

Deixar para depois a oportunidade de crescer em sabedoria e em amor é postergar a própria felicidade. ■

Espírito protetor

O Espírito protetor, anjo de guarda, ou bom gênio é o que tem por missão acompanhar o homem na vida e ajudá-lo a progredir. É sempre de natureza superior, com relação ao protegido.

Os Espíritos familiares se ligam a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis, com o fim de lhes serem úteis, dentro dos limites do poder, quase sempre muito restrito, de que dispõem. São bons, porém muitas vezes pouco adiantados e mesmo um tanto levementes. Ocupam-se de boamente com as particularidades da vida íntima e só atuam por ordem ou com permissão dos Espíritos protetores.

Os Espíritos simpáticos são os que se sentem atraídos para o nosso lado por afeições particulares e ainda por uma certa semelhança de gostos e de sentimentos, tanto para o bem como para o mal. De ordinário, a duração de suas relações se acha subordinada às circunstâncias.

Allan Kardec

Fonte: *O Livro dos Espíritos*, 83. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, questão 514, Comentário do Codificador, p. 263-264.

ESFLORANDO O EVANGELHO

Emmanuel

Liberdade

“Não useis, porém, da liberdade para dar ocasião à carne, mas servi-vos uns aos outros pela caridade.”
— *Paulo*. (Gálatas, 5:13.)

Em todos os tempos, a liberdade foi utilizada pelos dominadores da Terra. Em variados setores da evolução humana, os mordomos do mundo aproveitam-na para o exercício da tirania, usam-na os servos em explosões de revolta e descontentamento.

Quase todos os habitantes do Planeta pretendem a exoneração de toda e qualquer responsabilidade, para se mergulharem na escravidão aos delitos de toda sorte.

Ninguém, contudo, deveria recorrer ao Evangelho para aviltar o sublime princípio.

A palavra do apóstolo aos gentios é bastante expressiva. O maior valor da independência relativa de que desfrutamos reside na possibilidade de nos servirmos uns aos outros, glorificando o bem.

O homem gozará sempre da liberdade condicional e, dentro dela, pode alterar o curso da própria existência, pelo bom ou mau uso de semelhante faculdade nas relações comuns.

É forçoso reconhecer, porém, que são muito raros os que se decidem à aplicação dignificante dessa virtude superior.

Em quase todas as ocasiões, o perseguido, com oportunidade de desculpar, mentaliza represálias violentas; o caluniado, com ensejo de perdão divino, recorre à vingança; o incompreendido, no instante azado de revelar fraternidade e benevolência, reclama reparações.

Onde se acham aqueles que se valem do sofrimento, para intensificar o aprendizado com Jesus-Cristo? Onde os que se sentem suficientemente livres para converter espinhos em bênçãos? No entanto, o Pai concede relativa liberdade a todos os filhos, observando-lhes a conduta.

Raríssimas são as criaturas que sabem elevar o sentido da independência a expressões de vôo espiritual para o Infinito. A maioria dos homens cai, desastrosamente, na primeira e nova concessão do Céu, transformando, às vezes, elos de veludo em algemas de bronze.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de Luz*. 17. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2001, cap. 128, p. 269-270.

As mensagens que vieram de Mulhouse

Kleber Halfeld

P principal cidade francesa do departamento de Haut-Rhin e próxima à fronteira suíça, Mulhouse, hoje com cerca de 200.000 habitantes, é um centro industrial com importante função no ramo da pesquisa científica.

No passado, mais precisamente nos meses de março e setembro de 1861, teve Mulhouse inserido seu nome nas páginas da *Revue Spirite*, órgão de difusão do Espiritismo fundado por Allan Kardec em 1858. Era o resultado das mensagens mediúnicas remetidas à sua redação por um assinante residente na mencionada cidade.

Dessas mensagens copiaria o Codificador algumas afirmações, as quais seriam mais tarde colocadas em evidência na obra que publicaria em 1864, ou seja, *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Afirmações que passariam os espíritas a repetir constantemente a todo momento, alto e bom som!

Porque também apoiadas pelos Mentores Espirituais!

...

Tudo começou quando, quatro anos após a publicação de *O Livro dos Espíritos*, recebeu Kardec correspondência de um assinante da *Revista Espírita* que residia em Mulhouse.

Na carta, uma explicação:

“Aproveito a ocasião que se me apresenta de vos escrever, para mandar uma comunicação que recebi, como médium, de meu Espírito protetor, e que me parece interessante e instrutiva por todos os títulos. Se assim a julgardes, eu vos autorizo a fazer dela o uso que julgardes mais útil.”

Oportuno esclarecer que o Espírito comunicante assinava Mardoqueu R... e era parente próximo do médium, cujo nome era Rodolfo.

O texto da mensagem constava de cinco perguntas levantadas por este senhor e cada uma delas mereceu arrojada resposta da Entidade comunicante.

Kardec analisou o conteúdo da página mediúnica, publicando-a na edição de março de 1861 da *Revista Espírita*, na seção *Ensinos e Dissertações Espíritas*. O título era: *A Lei de Moisés e a Lei do Cristo*.

Decorridos alguns meses, ou seja, em setembro do mesmo ano, publicava Kardec, no referido órgão de imprensa e na correspondente seção uma nota:

“Os leitores se recordam da bela comunicação publicada no número de março último, sobre a *lei de Moisés e a lei do Cristo*, assinada por Mardoqueu e recebida pelo Sr. R..., de Mulhouse. Este senhor recebeu outras, igualmente notáveis, do mesmo Espírito, e que publicaremos. A que damos a seguir é de um outro parente morto há alguns meses. Foi ditada em três ocasiões diversas.”

(O espaço aqui não nos permite sua transcrição total. Limitaremos apenas aos trechos que mais de perto se relacionam com nosso trabalho.)

1. Iniciando a parte II da mensagem, escreve o Espírito comunicante:

“Meus amigos,

Não vos surpreendais ao lerdes esta comunicação. Ela vem de mim, *Edouard Pereyre*, vosso parente, vosso amigo, vosso compatriota. Fui eu mesmo quem ditou ao meu sobrinho *Rodolfo*, cuja mão seguro, para fazê-lo escrever com minha letra. Tomo este trabalho para melhor vos convencer, pois é uma fadiga para o médium e para mim, pois o médium deve seguir um movimento contrário ao que lhe é habitual.”

2. Na parte III destacaremos três trechos de importância para nossa reflexão, dentro de uma tese que procuramos expor.

a) “*No Monte Sinai deu-se esta primeira revelação*, este brilhante mistério, que espantou o mundo, o subjugou e espalhou pela terra os primeiros benefícios de uma moral, que libertaria o Espírito das garras da carne e de um despotismo embrutecedor; que colocou o homem acima da esfera dos animais, dele fazendo um ser superior, capaz de elevar-se pelo progresso, à suprema inteligência.”

b) *Jesus Cristo foi, pois, a segunda fase, a segunda revelação*, e seus ensinamentos levaram dezoito séculos para se espalharem, para se vulgarizarem (...).”

c) “*Sim: o Espiritismo é a terceira revelação*. Revela-se a uma geração de homens mais adiantados, de mais nobres aspirações, generosas e humanitárias, que devem concorrer para a fraternidade universal (...).” (Grifos nossos.)

Do que foi exposto, necessário que consideremos alguns itens, a fim de que possamos retirar uma conclusão no presente trabalho.

I – Foi Rodolfo, um assinante da *Revista Espírita* residente em Mulhouse, França, o médium que recebeu a primeira mensagem do Espírito Mardoqueu, a qual foi publicada na citada revista, nº 3 de março, em 1861.

Sobre este nome, Mardoqueu, não se sabe exatamente se é o mesmo a quem o escritor John D. Davis faz referência em seu portentoso trabalho *Dicionário da Bíblia*, quando se refere à chamada “*feita do Purim*”, nome de acordo com a tradição judaica¹. Aliás, também no Livro de Ester, o personagem Mardoqueu, que evitou em seu tempo um complô entre os judeus, se nos apresenta como primo e tutor desta. Em alguns trechos ele tem igualmente o nome de Mordecai.²

II – O mesmo médium recebeu outra mensagem do Espírito Edouard Pereyre, publicada na edição de setembro do citado ano.

III – Nesta mensagem deparamos com o pensamento da Entidade Espiritual, referência feita à questão *Revelações* que o planeta Terra recebeu do Plano



Vista geral de Mulhouse

Espiritual, dentro de uma planificação feita com justa antecedência: o *Mosaísmo*, o *Cristianismo* e o *Espiritismo*.

IV – Como este assunto *revelações* foi considerado em 1861 por Edouard Pereyre, e Kardec veio expô-lo em 1864, podemos conclusivamente admitir ter sido Pereyre a Entidade Espiritual que primeiramente tratou do assunto, criando o conceito que hoje repetimos a todo momento e com ênfase:

– O *Mosaísmo* é a primeira revelação de Deus aos homens; o *Cristianismo* a segunda e o *Espiritismo* a terceira.

Observação: Malgrado nosso esforço através de pesquisas, não conseguimos quaisquer dados sobre Edouard Pereyre, a Entidade Espiritual que, através do senhor Rodolfo, deixou numa mensagem a afirmativa que Kardec três anos depois citaria no capítulo I de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, desenvolvendo-a com seus comentários sempre judiciosos.

Nota final: Submetido o presente trabalho à apreciação do estimado confrade Affonso Soares, tive ensejo de receber dele atenciosa carta, na qual acrescentou alguns apontamentos. Por julgá-los valiosos, aqui os transcrevo, certo de que muito ilustrarão os queridos leitores:

“Rio, 18 de novembro de 2003
Caro Irmão, Amigo, Samideano Kleber
Paz e saúde!

Recebi sua carta de 6 do corrente e com prazer cuidei de corresponder à sua expectativa. Tenho a

certeza de que pouco, ou nada, pude ajudar. Apenas trilhei o caminho que você balizou na sua carta e no seu artigo.

Consultei minha coleção da *Revista Espírita*, consultei o “Repertoire” de Crouzet, mas não saí dos limites – que julgo definitivos – que você estabeleceu para a pesquisa.

Creio, então, que efetivamente coube ao Espírito Edouard Pereyre a primazia de caracterizar a lei revelada a Moisés, a doutrina de Jesus e as revelações do Espiritismo como, respectivamente, a primeira, a segunda e a terceira revelações da Lei de Deus.

Reparei também que Allan Kardec deu nova ordem aos parágrafos da comunicação de Mardoqueu, de 1861, transformando-a no texto que está em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. I, com o título

lo “A Nova Era”, ditada por um Espírito israelita, em Mulhouse, 1861.

Quanto ao nome Mardoqueu (Mordecai), parece ser, salvo melhor juízo, um nome comum entre os judeus, como, talvez, o ateste o fato de que este era o nome hebreu do pai de Zamenhof – Mordeháj – Marko. (Marko seria o nome cristão.) Como quer que seja, não há fortes evidências de que seja o mesmo que é mencionado no Livro de Ester.” ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹ DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia*. 2. ed., Rio de Janeiro. Casa Publicadora Batista, p. 423.

² Livro da Bíblia (Velho Testamento).

Federação Espírita Amazonense comemora seu 1º Centenário e o Bicentenário de Kardec

As comemorações do Centenário da Federação Espírita Amazonense foram abertas oficialmente com palestras do confrade José Raul Teixeira, nos dias 9 e 10 de janeiro de 2004, abordando no primeiro dia “A Importância do Autoconhecimento” e no segundo, “A Busca da Felicidade”.

A FEA aproveitou a presença do Presidente da FEB, Nestor João Masotti, para homenagear a Casa-Máter do Movimento pelos 120 anos de existência, abrir oficialmente as comemorações do Bicentenário de Allan Kardec e ainda lembrar os 140 anos do lançamento de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, obra básica escolhida para uma edição especial em comemoração ao centenário da FEA. As palestras ocorreram no auditório da Reitoria da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), às 20h, para um público de mais de 2.000 pessoas.

Na manhã de sábado, Raul reuniu-se no Instituto Denizard Rivail com trabalhadores das Casas Espíritas locais, enfatizando o estudo doutrinário e a coerência da vivência espírita-evangélica.

Nestor Masotti participou de um encontro com dirigentes espíritas, na manhã do dia 11, na sede da FEA, onde fez um apanhado histórico das revelações

de Deus, abordando o que é a Doutrina Espírita, ressaltando a importância do conhecimento do livrete *Orientação ao Centro Espírita* e o comprometimento dos dirigentes com o trabalho. ■



Palestra de Raul Teixeira; à direita, Nestor Masotti, Presidente da FEB, e Sandra Moraes, Presidente da FEA

Yvonne do Amaral Pereira

20 anos da desencarnação

Affonso Soares

Em 9 de março de 1984, regressava ao mundo espiritual um dos mais respeitáveis médiuns dos círculos espíritas do Brasil, através de cujos preciosos dons psíquicos concretizaram-se na sociedade terrena não somente obras literárias ditadas por eminentes habitantes do Além-Túmulo, como Bezerra de Menezes, Charles, Camilo Castelo Branco, Lev [Leão] Nikolaievitch Tolstoi, mas também obras, não menos significativas, de socorro individual a doentes do corpo e da alma, a obsidiados e obsessores, a sofrendores de toda natureza, por meio

de preces, passes, receituários e mensagens de aconselhamento moral.

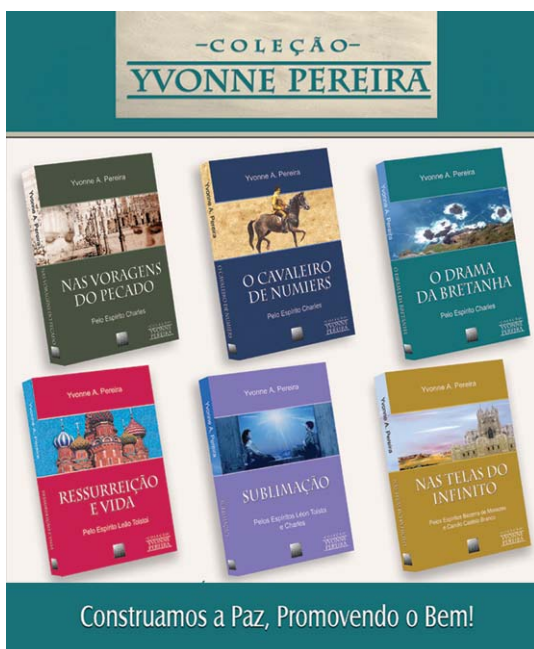
Sempre será útil aos adeptos da grande Doutrina debruçar-se sobre o excelente conteúdo de revelações intermediadas por Yvonne A. Pereira, a fim de que as práticas espíritas não se distanciem dos seguros critérios do fundamento construído por Allan Kardec, pois, se quisermos destacar um dos traços mais frisantes das atividades da saudosa médium, este será, sem dúvida alguma, a sua incondicional, inabalável fidelidade à Codificação.

A homenagem mais significativa que a Federação Espírita Brasileira presta ao nobre Espírito Yvonne do Amaral Pereira, passados 20 anos da sua desencarnação, é o lançamento da COLEÇÃO YVONNE PEREIRA, da qual já estão publicadas, em papel pólen, tamanho 14x21 cm, as obras: *Nas Voragens do Pecado*, *O Cavaleiro de Numiers*, *O Drama da Bretanha*, *Ressurreição e Vida*, *Sublimação* e *Nas Telas do Infinito*.

Ao leitor convém saber que no decurso da segunda década após a desencarnação da médium vieram a público coletâneas de sua produção esparsa em diversos periódicos, bem como obras de



caráter biográfico, todas de superior qualidade, dignas do exame e aproveitamento de todos quantos aspirem à realização de bons serviços na seara do Consolador Prometido. Referimo-nos, quanto ao primeiro bloco, aos livros *À Luz do Consolador*, editado pela FEB, *Eu e Roberto de Canalejas – Um Caso de Reencarnação*, editado pela Sociedade Lorenz, e *Cânticos do Coração* (2 volumes), editados pelo CELD – Centro Espírita Léon Denis, o primeiro e o segundo com artigos publicados em *Reformador* e o terceiro com textos publicados no extinto periódico *Obreiros do Bem*. De cunho biográfico, surgiram *O Vôo de uma Alma*, de Augusto Marques de Freitas, edição CELD, e *Yvonne: uma Heroína Silenciosa*, de Pedro Camilo, edição do Instituto de Divulgação Espírita da Bahia. ■



Dez passos para um bom relacionamento familiar

Umberto Ferreira

Há muita coisa que pode ser feita para se estabelecer ou manter um bom relacionamento familiar, tanto entre os cônjuges, como entre pais e filhos, ou entre os demais membros da família.

Para ajudar no esforço dos que procuram cultivar bom relacionamento em família, elaboramos “dez passos”, que, com um pouco de interesse e boa vontade, são perfeitamente aplicáveis na prática:

- *Combater o egoísmo*
- *Dialogar sempre*
- *Cultivar simpatia*
- *Cultivar o sentimento*
- *Respeitar o espaço e a liberdade*
- *Aceitar as diferenças*
- *Aceitar os defeitos*
- *Olhar e estimular o lado bom*
- *Cultivar amabilidade nas palavras e gestos*
- *Praticar a solidariedade em casa*

Para ajudar no melhor entendimento de todos os passos, comentaremos cada um deles.

O egoísmo é uma imperfeição moral que muito tem prejudicado o relacionamento em família, sobre-

tudo o conjugal. Por isso, combater o egoísmo é um passo indispensável. E o lar é, seguramente, a maior oportunidade que o ser humano tem de combater esse vício moral, porque no lar temos de aprender a compartilhar ou dividir não só os bens materiais, como a atenção e o afeto. O ideal é que todos se preocupem sempre com o bem-estar dos demais familiares. André Luiz nos ensina: “Servir além do próprio dever não é bajular e sim entesourar apoio e experiência, simpatia e cooperação” (*Sinal Verde*).

O diálogo é imprescindível no bom convívio familiar. Através dele podemos conhecer melhor as pessoas, inclusive os familiares. Quando os familiares interrompem o diálogo, o entendimento fica muito prejudicado, ou mesmo impossível. O ideal é que todas as pessoas reservem tempo para dialogar com os familiares. André Luiz nos ensina: “Converse com serenidade e respeito, colocando-se no lugar da pessoa que ouve, e educará suas manifestações verbais com mais segurança e proveito” (*Sinal Verde*).

A simpatia atrai e aproxima as pessoas. Para que haja bom relacionamento em família, é imprescindível que os seus membros se esforcem por sorrir para os demais e cumprimentá-los todos os dias. André Luiz nos recomenda: “Aprenda

a sorrir para estender a fraternidade” (*Busca e Acharás*) e “Enfeite o seu lar com os recursos da gentileza e do bom humor” (*Sinal Verde*).

O sentimento pode ser cultivado. O caminho para se obter sucesso no cultivo do sentimento é o que Jesus nos ensinou: “Onde está o seu tesouro, aí estará o seu coração” (Mateus, 6:21). Se imaginarmos sempre que os membros de nossa família são nossos tesouros, nosso afeto ficará polarizado neles e o amor por eles ficará sempre vivo. André Luiz nos aconselha: “Sempre necessário compreender que a comunhão afetiva no lar deve recomençar, todos os dias, a fim de consolidar-se em clima de harmonia e segurança” (*Sinal Verde*).

Cada membro da família, inclusive cada cônjuge, tem direito ao seu espaço e a gozar de certa liberdade. No caso dos cônjuges, respeitados os deveres impostos pelo contrato do casamento, a liberdade de cada um deve ser a maior possível para que nenhum dos dois se sinta preso. No caso dos jovens, a liberdade deve ser regulada pela responsabilidade. É importante que nenhum membro da família invada o espaço do outro, nem limite a sua liberdade. André Luiz nos recomenda: “Dê aos outros a liberdade de pensar, tanto quanto você é livre

para pensar como deseja” (*Sinal Verde*).

As pessoas não são iguais. Cada Espírito está num grau de evolução. As diferenças são muitas. Os gostos são diferentes. É utopia querer que duas pessoas sejam iguais. Conviver bem em família é conviver com as diferenças. É compreender, aceitar e respeitar as diferenças. André Luiz afirma: “Lembre-se de que as outras pessoas são diferentes e, por isso mesmo, guardam maneiras próprias de agir” e “É preciso reconhecer a diversidade dos gostos e vocações daquele ou daquela que se toma para compartilhar-nos a vida” (*Sinal Verde*).

Os Espíritos que evoluem na Terra ainda estão distantes da perfeição. Todos têm muitos defeitos e reencarnam para corrigi-los e desenvolver as virtudes. É impossível exigir que as pessoas de nossa família ou nós mesmos não cometamos erros. Conviver bem em família é aceitar as pessoas com os defeitos que elas ainda não conseguiram vencer. André Luiz nos aconselha: “Não exija dos familiares diferentes de você um comportamento igual ao seu, porquanto cada um de nós se caracteriza pelas vantagens ou prejuízos que acumulamos na própria alma” (*Sinal Verde*).

O homem tem tendência a observar o lado ruim das pessoas, os seus defeitos e, freqüentemente, não percebe as qualidades. A consequência disso é um certo pessimismo que acaba comprometendo o relacionamento familiar. Uma maneira de evitar que isso aconteça é observar as qualidades, o lado bom. Isso aumenta a simpatia pelas pessoas. Com relação aos filhos, há necessidade de atentar-se para os de-

feitos e más tendências para poder combatê-los desde a infância. André Luiz pondera: “Antes de observar os possíveis erros ou defeitos do outro, vale mais procurar-lhe as qualidades e dotes superiores para estimulá-los ao desenvolvimento justo” (*Sinal Verde*).

Todas as pessoas gostam de ser bem tratadas. Por isso, é importante que os membros da família sejam sempre amáveis uns com os outros, tanto em palavras como nos gestos. Por outro lado, abraços, toque de mãos são exemplos de gestos que ajudam, e muito, o bom relacionamento familiar. Paulo nos recomenda “Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe (depreciativa); e sim unicamente a que for edificante...” (Efésios, 4:29) e André Luiz nos aconselha: “Eleve o seu vocabulá-

rio para o intercâmbio com os outros” (*Busca e Acharás*). É ideal que os membros da família sejam solidários entre si. Isso é importante sobretudo nas atividades do lar, que acabam sacrificando a dona de casa. André Luiz nos aconselha: “Colabore no trabalho caseiro, tanto quanto possível. Os pequeninos sacrifícios em família formam a base da felicidade no lar” (*Sinal Verde*). ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹ *Novo Testamento*, Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro (RJ).

² *Idem, ibidem*.

² XAVIER, Francisco C. *Sinal Verde*, pelo Espírito André Luiz. Ed. Comunhão Espírita Cristã, Uberaba (MG).

³ _____. *Busca e Acharás*, pelo Espírito André Luiz, IDEAL, São Paulo (SP).

Lamento paterno

Ah! meu filho, na concha de teu peito,
Via-te o coração por céu vindouro,
Encerravas contigo, meu tesouro,
O futuro risonho, alto e perfeito.

Entretanto, prendi-te a cruzes de ouro,
Cujo peso carregas sem proveito,
Abatido, cansado, insatisfeito,
Arrojado a medonho sorvedouro...

Recolheste, no encanto de meu jugo,
O fascínio da posse por verdugo
E a preguiça forjando horrendas pragas.

Hoje, chamo-te em vão... Ouves apenas
O dinheiro vazio que armazenas
Na demência da usura em que te apagas!...

José Guedes

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Luz no Lar*. Diversos Espíritos. 8. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1997, cap. 12, p. 39.

Dimensões espirituais do Centro Espírita

Parte II

Suely Caldas Schubert

O ambiente espiritual da reunião mediúnica

Os cuidados dos Espíritos que se dedicam à preservação do ambiente espiritual da sala onde são realizados os trabalhos mediúnicos são constantes e intensos, pois nada pode ser negligenciado, sob pena de comprometer-se o êxito da reunião.

O local destinado à sessão mediúnica tem, por assim dizer, uma fiscalização permanente, pois, principalmente no caso do recinto consagrado às sessões de desobsessão, muitos Espíritos necessitados e sofredores ficam aí alojados, em regime de tratamento para seu refazimento e reequilíbrio.

No dia da reunião o recinto passa por rigorosa assepsia a fim de livrá-lo e preservá-lo de *larvas psíquicas* (que são criadas por mentes viciosas de encarnados ou desencarnados); de *ideoplastias perniciosas* (formas-pensamento, clichês mentais); de vibrações deprimentes, constituindo tudo isso os “invasores microbicidas das regiões inferiores”, conforme esclarece João Cleofas.³

Importante ressaltar que tais “invasores microbicidas” contaminam o homem invigilante que apresente, por sua vez, pensamentos doentios, descontrolados, que são verdadeiras brechas ao assédio

inferior, resultando daí a parasitose mental, ou vampirismo.

João Cleofas elucida que a sala mediúnica é o “*ambiente cirúrgico para realizações de longo curso no cerne do perispírito dos encarnados como dos desencarnados*”, como também local onde “*se anulam fixações mentais que produzem danos profundos nas tecelagens sensíveis do espírito*.”

Além disso, há necessidade de se isolar e defender o recinto das investidas de Espíritos inferiores, o que leva os Benfeitores Espirituais a cercá-lo por meio de faixas fluídicas visando impedir a entrada de tais entidades. Assim, só entrarão no ambiente aqueles que tiverem permissão dos dirigentes espirituais.

A sala mediúnica, conquanto seja limitada no seu espaço físico, no outro plano apresenta-se adimensional, já que se amplia de acordo com a necessidade, permitindo abrigar um número muito grande de desencarnados que são trazidos para tratamento, para esclarecimento, para aprendizagem etc. Tem ainda mobiliário próprio e aparelhagens instaladas pela equipe espiritual. Esta equipe conta com elementos especializados nesses trabalhos, inclusive aqueles denominados por Efigênio Vítor de “arquitetos espirituais”⁴, que têm a seu encargo a tarefa complexa de criar os quadros fluídicos indispen-

sáveis ao tratamento ou esclarecimento das entidades comunicantes. Esses quadros fluídicos não são criados ao sabor do acaso mas obedecem a uma programação e à pesquisa sobre o passado dos que precisem desse recurso. Tais painéis fluídicos são tão perfeitos que possuem “vida” momentânea, com movimentos, cor, como se fossem uma tela cinematográfica na qual as personagens são pessoas ligadas ao manifestante, ou ele mesmo se vê vivendo cenas importantes em sua existência de Espírito imortal.

Tudo isso nos dá uma pálida idéia do grandioso trabalho do mundo espiritual; é “o laboratório do mundo invisível”, citado por Kardec, que esclarece: “(...) *Os objetos que o Espírito forma, têm existência temporária, subordinada à sua vontade, ou a uma necessidade que ele experimenta. Pode fazê-los e desfazê-los livremente.*”⁵

E dizer que com a nossa invigilância podemos prejudicar num relance toda essa estrutura! Isto acontece quando comparecemos despreparados para a reunião, trazendo vibrações negativas, desequilibrantes; quando trazemos o pensamento viciado e contaminamos o recinto cuidadosamente preparado. Nesta hora, os tarefeiros da Espiritualidade usam recursos de emergência, isolando o faltoso, para que a maioria

não seja prejudicada. Em caso mais grave, porém, poderá ocorrer um desequilíbrio nos circuitos vibratórios que defendem a sessão, o que possibilitará a entrada de Espíritos perturbadores e conseqüente prejuízo para os trabalhos e os participantes.

Como vemos, integrar uma equipe mediúnica é um encargo de grande responsabilidade. Importa considerar que somente as **reuniões mediúnicas sérias** merecerão dos Benfeitores Espirituais todo esse cuidadoso preparo mencionado.

Se os encarnados corresponderem, o grupo mediúnico crescerá em produtividade sob a chancela de Espíritos bondosos. Em caso oposto, a reunião nada produzirá de positivo, tornando-se presa fácil para Espíritos inferiores.

A opção é nossa, dos encarnados. Os Amigos Espirituais estão sempre dispostos a secundar os nossos melhores esforços. São eles que traçam as diretrizes dos trabalhos mediúnicos; que na realidade dirigem as atividades, mas ficam na dependência de nossa cooperação, pois uma sessão para a prática da mediunidade somente existe com o concurso dos dois planos da vida. Se estivermos receptivos às orientações e apresentarmos por nosso lado um esforço de iniciativas identificadas com os seus propósitos, as duas equipes – a espiritual e a dos encarnados – tornar-se-ão homogêneas e o grupo vibrando no mesmo diapasão de Amor atenderá com sucesso aos irmãos que ainda jazem na ignorância e no mal.

A sala de passes

O recinto destinado aos passes apresenta características próprias,

em virtude do trabalho ali realizado. Sendo local de atendimento ao público é natural que este interfira na ambiência. Entretanto, como se pode deduzir, a grande maioria das pessoas que buscam o socorro do passe o fazem imbuídas dos melhores sentimentos, é o que informa Áulus, instrutor espiritual de André Luiz. Referindo-se à sala de passes, esclarece estarem ali reunidas “(...) *sublimadas emanações mentais da maioria de quantos se valem do socorro magnético, tomados de amor e confiança*”. Estas vibrações permanecem no ambiente e se acumulam, a tal ponto que, no dizer de Áulus, criam uma atmosfera especial formada “(...) *pelos pensamentos, preces e aspirações de quantos nos procuram trazendo o melhor de si mesmos*”. Esse conjunto vibratório surpreendeu André Luiz, quando este observou uma sala de passes, pelo “*ambiente balsâmico e luminoso*” que apresentava.⁶

Tal como acontece com a sala mediúnica, o recinto destinado a essa atividade recebe dos Espíritos especializados a assepsia e as defesas magnéticas imprescindíveis à manutenção e preservação do ambiente.

Quanto ao atendimento aos enfermos, o autor espiritual explica que há um “*quadro de auxiliares, de acordo com a organização estabelecida pelos mentores da Esfera Superior*”, enfatizando que para o bom êxito do labor de passes há que se observar: experiência, horário, segurança e responsabilidade daquele que serve.

No momento dos passes é possível a alguns médiuns videntes divisarem a intensa movimentação dos Benfeitores, que se utilizam de

aparelhagens especiais adequadas aos enfermos presentes.

A organização do Mundo Espiritual é, pois, exemplar. Não obstante, nós, os encarnados, deixamos muito a desejar com as nossas falhas costumeiras, que vão desde a invigilância em nosso cotidiano até a frequência irregular, o que por certo prejudica os trabalhos.

É fundamental, portanto, que haja uma conscientização, de nossa parte, da grandeza e complexidade dos labores espirituais, a fim de participarmos de modo mais eficiente e produtivo. Que isso não seja, porém, um fator que leve ao misticismo (mas sim à responsabilidade) e que venha a influir ou modificar a nossa conduta no instante do passe ou no ministério mediúnico. Embora o trabalho que se desenvolve “do outro lado” seja complexo, a nossa participação deve ser a mais simples possível, permeada, contudo, do mais acendrado sentimento de amor ao próximo.

Que nos lembremos sempre que para exercermos tais atividades a nossa preparação é toda, principalmente, interior. É no nosso mundo íntimo que devemos laborar. É a nossa transformação para melhor a cada momento.

Assim, não é a cor do vestuário nosso ou do paciente, a nossa gesticulação ou a sala ser azul ou branca que irão influir na qualidade da transmissão energética no instante dos passes, mas sim, a nossa mente impulsionando e direcionando essas energias fluídicas, o nosso desejo de servir, a nossa capacidade de ser solidário com aquele que ali está e de amá-lo como a um irmão. Por isso, a simplicidade deve ser a tônica no momento do passe, já

que este é, essencialmente, um ato de amor. E o amor é simples, desataviado e puro, tal como exemplificou Jesus.

CONCLUINDO, registramos, para nossa reflexão, a palavra de Emmanuel que enaltece a magna finalidade da Doutrina dos Espíritos:

“Ao Espiritismo cristão cabe, atualmente, no mundo, grandiosa e sublime tarefa.

*Não basta definir-lhe as características veneráveis de Consolador da Humanidade, é preciso também revelar-lhe a feição de movimento libertador de consciências e corações.”*⁷

É fundamental estarmos cónscios da imensa responsabilidade que assumimos quando da fundação de uma instituição espírita; não podemos esquecer que responderemos por tudo o que fizermos perante Jesus e a Espiritualidade Maior e, sobretudo, diante de nossa consciência.

Jesus vem e nos convida, novamente. Quais os frutos que podemos oferecer? Nossos celeiros ainda estão vazios?

Para encerrar, nada melhor do que o notável texto de Bezerra de Menezes, que reúne todas as diretrizes e, em simultâneo, também as advertências, imprescindíveis, a fim de que se preserve e mantenha a ambiência espiritual do Centro Espírita, fazendo jus, assim, aos cuidados e empenho dos Benfeitores Espirituais que o edificaram no plano extrafísico, para que ali sejam efetuadas as curas das almas, esclarecendo e confortando os corações e, sobretudo, libertando consciências:

“As vibrações disseminadas pelos ambientes de um Centro Espírita, pelos cuidados dos seus tutelares invisíveis; os fluidos úteis, necessários aos

variados quão delicados trabalhos que ali se devem processar, desde a cura de enfermos até a conversão de entidades desencarnadas sofredoras e até mesmo a oratória inspirada pelos instrutores espirituais, são elementos essenciais, mesmo indispensáveis a certa série de exposições movidas pelos obreiros da Imortalidade a serviço da Terceira Revelação. Essas vibrações, esses fluidos especializados, muito sutis e sensíveis, hão de conservar-se imaculados, portando, intactas, as virtudes que lhe são naturais e indispensáveis ao desenrolar dos trabalhos, porque, assim não sendo, se mesclarão de impurezas prejudiciais aos mesmos trabalhos, por anularem as suas profundas possibilidades. Daí porque a Espiritualidade esclarecida recomenda, aos adeptos da Grande Doutrina, o máximo respeito nas assembléias espíritas, onde jamais deverão penetrar a frivolidade e a inconseqüência, a maledicência e a intriga, o mercantilismo e o mundanismo, o ruído e as atitudes menos graves, visto que estas são manifestações inferiores do caráter e da inconseqüência humana, cujo magnetismo, para tais assembléias e, portanto, para a agremiação que tais coisas permite, atrairá bandos de entidades hostis e malfetoras do invisível, que virão a influir nos trabalhos posteriores, a tal ponto que poderão adulterá-los ou impossibilitá-los, uma vez que tais ambientes se tornarão incompatíveis com a Espiritualidade iluminada e benfazeja.

Um Centro Espírita onde as vibrações dos seus freqüentadores, encarnados ou desencarnados, irradiem de mentes respeitadas, de corações fervorosos, de aspirações elevadas; onde a palavra emitida jamais se desloque para futilidades e depreciações; onde em vez do gargalhar divertido, se pra-

*tique a prece; em vez do estrépito de aclamações e louvores indébitos se emitam forças telepáticas à procura de inspirações felizes; e ainda onde, em vez de cerimônias ou passatempos mundanos, cogite o adepto da comunhão mental com os seus mortos amados ou os seus guias espirituais, um Centro assim, fiel observador dos dispositivos recomendados de início pelos organizadores da filosofia espírita, será detentor da confiança da Espiritualidade esclarecida, a qual o elevará à dependência de organizações modelares do Espaço, realizando-se então, em seus recintos, sublimes empreendimentos, que honrarão os seus dirigentes dos dois planos da Vida. Somente esses, portanto, serão registrados no Além-Túmulo como casas benéficas, ou templos do Amor e da Fraternidade, abalizados para as melindrosas experiências espíritas, porque os demais, ou seja, aqueles que se desviam para normas ou práticas extravagantes ou inapropriadas, serão, no Espaço, considerados meros clubes onde se aglomeram aprendizes do Espiritismo em horas de lazer.”*⁸ ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

³FRANCO, Divaldo P. *Depoimentos Vivos*. Diversos Autores Espirituais, João Cleofas.

⁴XAVIER, Francisco C. *Instruções Psicofônicas*, pelo Espírito Efigênio Vítor. 7. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, cap. 44.

⁵KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. 70. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, cap. VIII, item 129.

⁶XAVIER, Francisco C. *Nos Domínios da Mediumidade*, pelo Espírito André Luiz. 29. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, cap. 17, p. 161-162.

⁷_____. *Missionários da Luz*, pelo Espírito André Luiz. 36. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2001, “Ante os tempos novos”, p. 8.

⁸PEREIRA, Yvonne A. *Dramas da Obsessão*, pelo Espírito Bezerra de Menezes. 9. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2001, Conclusão, item III, p. 145, 146 e 147.

A FEB E O ESPERANTO

X Encontro de Espíritas-Esperantistas no Rio e entrevista de Affonso Soares

Das 8 às 17 horas do dia 7 de dezembro de 2003, realizou-se, na sede da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro (FEERJ), o X Encontro Espírita-Esperantista do Estado do Rio de Janeiro, com o tema *Esperanto – Bênção de Jesus para Unificar os Corações*.

Cerca de 50 participantes, sob a direção do próprio Presidente da Instituição, o *samideano* Hélio Ribeiro, e a coordenação de Givanildo Ramos, da União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ), dedicaram-se às agradáveis e edificantes atividades do programa, dentre as quais avultou substancial palestra proferida por Hélio Ribeiro sobre o tema principal. Outros itens do programa foram os grupos de estudo em torno de temas relativos ao Esperanto em associação com o Espiritismo, um curso de introdução ao Esperanto, encontro infanto-juvenil, momento de arte e a tocante homenagem ao vulto de Balbina Moraes, com a criação de uma seção de livros em e sobre o Esperanto, com o seu nome, na Biblioteca da FEERJ.

Dias antes, em 2 de dezembro,

o confrade Givanildo Ramos, Diretor do Departamento de Esperanto da USEERJ, focalizando o significado da realização sucessiva e ininterrupta dos dez Encontros de Espíritas-Esperantistas, levou ao ar, no programa “A Língua da Fraternidade” da Rádio Rio de Janeiro, uma entrevista concedida por Affonso Soares, de que abaixo apresentamos alguns trechos.

Entrevista

GR – O que representam para o Movimento Espírita brasileiro 10 anos de encontros Espíritas-Esperantistas em nosso Estado?

Affonso – Representam a perseverança dos espíritas-esperantistas fluminenses em sustentar o ideal esperantista associado aos serviços de difusão da Doutrina Espírita. Evidenciam a fidelidade desses valerosos companheiros a um programa que, iniciado pela FEB em 1909, hoje se dissemina com fortes raízes no Movimento Espírita brasileiro e já se irradia para fecundar o Movimento Espírita internacional, como está demonstrado pela simpatia com que o Esperanto vem sendo acolhido no seio do Conselho Espírita Internacional, vale dizer, no seio da família espírita mundial.

GR – Sabendo que o Prof. Is-

mael Gomes Braga, através da médium Maria Cecília Paiva, informa, na mensagem *O Terceiro Milênio e o Esperanto*, que “(...) Espiritismo, Evangelho e Esperanto formam a base única e indivisível do magnífico mundo de amanhã”, e tomando por base o que já acontece no Movimento Espírita-Esperantista, você poderia tecer algum comentário sobre essa assertiva?

Affonso – Não há melhor comentário do que a inspirada palavra do Espírito do poeta Abel Gomes em mensagem ditada ao Chico Xavier, em 1948. Abel Gomes era esperantista, espírita e tio do Prof. Ismael Gomes Braga. Ele disse, entre outras coisas:

“A nossa senha aos companheiros ainda não sofreu alteração: Evangelho, Esperanto e Espiritismo constituem para nós outros, agora, uma trilogia bendita de trabalho para diversas encarnações.”

“(...) Com o Evangelho, acenderemos nova luz na consciência coletiva, cooperando na missão redentora de que o Brasil se acha investido na revivescência do Cristianismo restaurado; com o Esperanto, abrimos novo caminho de fraternidade real entre almas e povos, para que o pensamento cristão consolide as suas diretrizes salvadoras nos mais variados setores do mun-

do, preparando o futuro milênio em bases mais justas de compreensão e solidariedade efetivas; e com o Espiritismo descerraremos novos horizontes à visão geral, para que entendimento sadio prevaleça na mentalidade terrestre, em todas as fases evolutivas, inclinando as criaturas à dignidade humana e ao conhecimento substancial da justiça que determina seja concedido a cada um de acordo com as suas obras.

“Segundo observamos, o programa é vastíssimo e requisita não somente entusiasmos do neófito, mas a coragem e a abnegação do apóstolo.”

GR – Com base no tema central do X ENESEERJ, *Esperanto: bênção de Jesus para unificar os corações*, você acredita que também o Esperanto tem caráter unificador?

Affonso – O Esperanto, seja por sua destinação essencial como instrumento lingüístico para a intercompreensão de indivíduos e povos que falam línguas diferentes, seja por sua ideologia sintetizada na divisa *justiça e fraternidade entre todos os povos*, é eminentemente unificador.

No Movimento Espírita, a *unificação* é sustentada por duas sólidas colunas: a *unidade doutrinária*, isto é, a fidelidade a um fundamento que, para nós, são as revelações expostas nas obras básicas de Allan Kardec, e a *união fraterna* dos adeptos, nascida da vivência dos princípios morais do Evangelho, isto é, a fraternidade, a tolerância, a solidariedade, entre tantas virtudes abraçadas pelo amor.

Ora, o Esperanto é poderoso auxiliar para o fortalecimento da *união*

fraterna, porque esse é o seu objetivo primordial: unir acima de quaisquer diferenças, aproximar, à semelhança de uma ponte, as diversas expressões de crença, língua, raça, cultura, pela prática de uma língua neutra e de uma ideologia nitidamente em harmonia com o Evangelho.

Por isso, o tema do X ENESEERJ é de grande inspiração, porque o Esperanto é efetivamente uma bênção de Jesus para unificar corações.

GR – Pela dinâmica estabelecida pelos espíritas-esperantistas do Rio e do Estado do Rio, onde já temos semanas, círculos de palestras, encontros, que visam ao fortalecimento do tríplice ideal EEE, você acredita que essa iniciativa venha a efetivar-se em outros Estados no seio do Movimento Espírita como um todo, como se pode presumir a partir de algumas iniciativas já em curso no Estado de Minas Gerais?

Affonso – Sem qualquer sombra de dúvida. O bom exemplo contagia. E se esse bom exemplo vem acompanhado de desdobramentos em realizações fecundas e duradouras, não tardará para que o trabalho dos espíritas em torno do Esperanto e seus ideais ganhe dimensões mais amplas e contornos bem mais definidos. Já sabemos de trabalhadores de outros Estados envolvidos seriamente nesse esforço. E os co-idealistas de Minas Gerais têm participação bastante positiva nesse campo.

GR – Todos sabemos que Ismael Gomes Braga foi o grande incentivador e abnegado construtor desse campo de atividades do Movimento Espírita brasileiro, que é a

interligação do Evangelho, do Espiritismo e do Esperanto, e que, através de você, que é o dirigente do Departamento de Esperanto da FEB, essas bases se solidificaram. Analisando mais profundamente tão importante concretização, que planejamento tem a FEB para o futuro, com relação ao tema?

Affonso – Ismael Gomes Braga é para todos nós um mentor, foi um inimitável pioneiro e deixou bases sólidas para que todos prossigamos na construção desse Ideal que tem suas raízes no Espaço.

A FEB mantém-se nas diretrizes esboçadas em 1909, consolidadas em 1937 com o trabalho mais ostensivo de Ismael Gomes Braga e com a famosa mensagem *A Missão do Esperanto*, de Emmanuel, reforçadas com a outra grande mensagem *O Esperanto como Revelação*, ditada ao Chico Xavier por Francisco Valdomiro Lorenz e oficialmente explicitadas no documento *Orientação ao Centro Espírita*, emitido pelo Conselho Federativo Nacional e publicado em forma de um opúsculo pela Casa de Ismael.

O planejamento é continuar o que vem sendo feito para divulgar o Esperanto entre os espíritas do Brasil e do mundo e divulgar o Espiritismo no seio da família esperantista. O programa editorial que atende a esses objetivos é alvo da carinhosa atenção de seu Presidente, como o foi por todos os que o antecederam. Já vamos ter todas as obras de Allan Kardec, em Esperanto, disponíveis nas *home pages* da FEB e do Conselho Espírita Internacional, e existe um valoroso voluntariado trabalhando em nosso país e no Exterior para a consecução

ção desses objetivos. Enfim, preparamos o futuro com perseverantes esforços no presente.

GR – Em 2004, na cidade de Paris, todo o Movimento Espírita mundial comemorará os 200 anos da reencarnação de Allan Kardec. O que acontecerá nesse evento ligado ao tríplice ideal Evangelho-Espiritismo-Esperanto?

Affonso – Ainda não dispomos de informações detalhadas, porque a organização do evento é de responsabilidade do Movimento Espírita francês e do Conselho Espírita Internacional. Mas já estamos certos de uma promissora participação de nosso co-idealista polonês Przemek Grzybowski, bastante conhecido dos espíritas brasileiros, que fará exposições sobre a língua internacional, sobre a literatura espírita em Esperanto, sobre a necessidade de que os membros da família espírita mundial adotem o Esperanto como língua comum para as suas relações internacionais.

Nos movimentos espíritas do Exterior tudo ainda está no começo no que diz respeito ao Esperanto, sendo, portanto, indispensável a contribuição dos espíritas brasileiros para a formação de sólidas bases.

GR – Por ocasião do X ENESEERJ haverá um momento de reflexão sobre o Esperanto na Evangelização Infantil. Fale-nos sobre esse tema.

Affonso – A Evangelização da Infância e da Juventude poderia incluir em seu programa, nas diferentes faixas etárias, atividades que despertem a atenção do aluno para o entrave que a multiplicidade de línguas

representa na construção da fraternidade, da união, apresentando-lhe, ao mesmo tempo, o Esperanto como a solução justa, apoiada pelos Espíritos Superiores.

Mas não creio oportuno instituir cursos da língua nas tarefas dos evangelizadores. Se os evangelizados se interessarem – e o interesse dependerá do próprio empenho e entusiasmo dos evangelizadores –, deverão, os evangelizando, livremente buscar o aprendizado em cursos de Esperanto mantidos pelo próprio Centro Espírita, em Centros Espíritas que os mantenham, ou nas instituições do movimento esperantista neutro. ■

Cursos de Esperanto na Sede Seccional

Terão início, a partir deste mês, os seguintes cursos gratuitos da Língua Internacional neutra:

- Elementar – 4^{as} feiras – 15h45 às 17h.
- Aperfeiçoamento – 5^{as} feiras e 6^{as} feiras – 16h30 às 18h30.
- Estudos Doutrinários em Esperanto – 2^{as} feiras – 15h às 16h30.

La animo

En karamboloj ciklopaj, titanaj
mi sur la ter' serĉadis kun pasio
l' animojn, pere de psikologio,
kaj inter la estaĵoj senorganaj.

En larmoj, timo, en ridoj spontanaj,
en la perturboj de hipoĥondrio,
en difektoj de fizionomio,
en la instinktoj vulgaraj, tiranaj:

trovadis mi nur korpojn en ekzisto
kaj sangon en senĉesa bol-persisto,
kun impulsoj teruraj, neetikaj.

Mi tiam, blindfreneza, vidis fumojn
kaj ne de l' astroj ĝis l' ameb' la lumojn
de la anim' en sekretoj tragikaj.

Augusto dos Anjos

Fonte: Do livro *Voĉoj de Poetoj el la Spirita Mondo*, 2. ed. FEB, p. 131, versão em Esperanto feita por Francisco Valdomiro Lorenz, do poema *Alma*, publicada em *Parnaso de Além-Túmulo*. 16. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, p. 128. Edição Comemorativa – 70 Anos.

Programa transcendente de conquistas imateriais

Rogério Coelho

“Não ajunteis tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no Céu onde nem a traça nem a ferrugem consomem e os ladrões não minam nem roubam.”
 – Jesus. (Mateus, 6:19 e 20.)

Existe o homem *fisiológico* e o homem *espiritual*. Este, não obstante estar ainda arrastando os pés no chão do mundo, logra vislumbrar os Painéis do Infinito, com os olhos postos nas Estrelas. Aquele, de horizontes limitados e mente obnubilada por soez ignorância, mantém-se voltado para os interesses subalternos, vislumbrando tão-somente na horizontal chã.

Allan Kardec desenha os perfis desses caracteres antípodas no comentário que faz após a resposta dos Espíritos à questão 941 de *O Livro dos Espíritos* (Ed. FEB):

“O homem carnal, mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual, tem, na Terra, penas e gozos materiais. Sua felicidade consiste na satisfação fugaz de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e angustiada pelas vicissitudes da vida, se conserva numa ansiedade e numa tor-

tura perpétuas. A morte o assusta, porque ele duvida do futuro e porque tem de deixar no mundo todas as suas afeições e esperanças.

“À morte nada mais restará de aterrador; deixa de ser a porta que se abre para o nada e torna-se a que dá para a libertação”

O homem moral, que se colocou acima das necessidades factícias criadas pelas paixões, já neste mundo experimenta gozos que o homem material desconhece. A moderação de seus desejos lhe dá ao Espírito calma e serenidade. Ditoso pelo bem que faz, não há para ele decepções e as contrariedades lhe deslizam por sobre a alma, sem nenhuma impressão dolorosa deixarem.”

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo* (Ed. FEB), Kardec nos oferece, ao raciocínio, algumas ilações sobre o ponto de vista pelo qual o homem carnal e o homem espiritual encaram a Vida. Não fica difícil concluir a supremacia deste sobre aquele, quando entra em cena a variável *Vida Futura*:

“A idéia clara e precisa que se faça da vida futura proporciona inabalável fé no porvir, fé que acarreta enormes conseqüências sobre a moralização dos homens, porque muda completamente o ponto de vista sob o qual encaram eles a vida terrena. Para quem se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual, que é indefinida, a vida corpórea se torna simples passagem, breve estada num país ingrato. As vicissitudes e tribulações dessa vida não passam de incidentes que ele suporta com paciência, por sabê-las de curta duração, devendo seguir-se-lhes um estado mais ditoso. À morte nada mais restará de aterrador; deixa de ser a porta que se abre para o nada e torna-se a que dá para a libertação, pela qual entra o exilado numa mansão de bem-aventurança e de paz. Sabendo temporária e não definitiva a sua estada no lugar onde se encontra, menos atenção presta às preocupações da vida, resultando-lhe daí uma calma de

espírito que tira àquela muito do seu amargor. (...)

É o que sucede ao que encara a vida terrestre do ponto de vista da vida futura (...) lamenta que essas criaturas efêmeras a tantas canseiras se entreguem para conquistar um lugar que tão pouco as elevará e que por tão pouco tempo conservarão. Daí se segue que a importância dada aos bens terrenos está sempre em razão inversa da fé na vida futura.” (ESE, cap. II, item 5.) Conscientes de tais realidades insofismáveis, a alternativa que nos resta mais consentânea com o bom senso é elaborarmos, desde já, um programa transcendente de conquistas imateriais, que permanecerão inalienáveis pela Eternidade. Tal projeto deverá ser vazado no “espírito” da oportuna e grandiloquente conclamação do Amigo Divino: “(...) *ajuntai tesouros no Céu* (...)”.

Em um trecho da carta íntima que Meimei (já desencarnada) enviava para seu amado Arnaldo Rocha em 6/9/52, pelo correio psicográfico seguro de Chico Xavier, existe uma síntese que enquadra, com clareza, o “espírito” dessas nossas ilações, mostrando-nos o que realmente conta para a Eternidade (*Tesouros do Céu*):

“(...) *Posso dizer a você que a maior felicidade que amejamos no mundo é a das bênçãos que espalhamos com os outros. Reconforto corpóreo, bens efêmeros, autoridade, recursos ilusórios, tudo, é alguma coisa que um dia se confundirá com as cinzas, mas o Amor Divino, em forma de serviço aos nossos semelhantes, é claridade que não se extingue jamais.*” (Destaques nossos.) ■

Os sentimentos

João Fernandes da Silva Júnior

Analisando-nos friamente, qual será o sentimento ou desejo que move diariamente as nossas ações?

Possuímos domínio completo sobre as nossas emoções?

Será que no íntimo conseguimos perdoar na mesma proporção em que dizemos ter perdoado?

Devemos aprender a educar os nossos sentimentos, de forma que os bons sejam intensificados e os negativos sejam transmutados em valores equilibrantes.

A vida social exige de nós certo grau de equilíbrio emocional, porque nem sempre as notícias que chegam até nós são agradáveis.

O sentimento de amor fraterno não deve ser impedido de aflorar em nosso coração.

O controle das emoções facilita a nossa convivência em família e em sociedade, pois o espírita é – ou deveria ser – uma criatura que sabe que deve esforçar-se diariamente para obter equilíbrio em todas as situações.

Jesus demonstrou todo o seu amor por nós em sua descida à Terra. Ele curou, ensinou e exemplificou, dando o constante testemunho de toda a força que o amor incondicional possui. E da mesma forma, o amor de Deus por nós é ainda algo não compreendido com clareza. Todos os dias surge à nossa frente algo que é positivo à nossa evolução, e nem sempre percebemos isso.

A humanidade terrena ainda não compreendeu que o sentimento a ser direcionado ao próximo deve ser o amor fraterno incondicional.

Os animais inferiores já demonstram traços de sentimentos que se irão aflorar em plenitude nos seres humanos. Os sentimentos – muito mais do que a vontade e as capacidades –, são exteriorizações do que se passa no íntimo de cada ser. A educação que devemos exercer sobre a manifestação desses sentimentos é que nos coloca em posição de ascensão espiritual, pois anjo não é uma criatura de sentimentos descontrolados. E assim, em paralelo à nossa busca de capacitação em nosso ramo profissional – em um mundo cada vez mais competitivo e exigente – devemos também nos capacitar a poder no futuro retornar à Terra ou a irmos para mundos mais evoluídos.

A palavra-chave para a nossa auto-realização é *Disciplina*. ■

Retificando...

No artigo “O fenômeno do século XX – Francisco Cândido Xavier” (*Reformador* de novembro/2003), onde se lê, na p. 15 (413), “Pedimos vênias ao eminente articulista que abre as páginas de *Reformador*” (...), leia-se: “que abre as páginas de *Falando à Terra*”, como consta do original.

PÁGINAS DA *REVUE SPIRITE*

Poder da vontade sobre as paixões

Um rapaz de vinte e três anos, o Sr. A..., de Paris, que se iniciou no Espiritismo há apenas dois meses, captou o seu alcance com tal rapidez que, sem nada ter visto, o aceitou em todas as suas conseqüências morais. Dirão que isto não é de admirar da parte de um jovem, e não prova senão uma coisa: a leviandade e um entusiasmo irrefletido. Seja. Mas prossigamos. Esse moço irrefletido, como ele próprio reconhece, tinha um grande número de defeitos, dos quais o mais saliente era uma irresistível predisposição para a cólera, desde a infância. Pela menor contrariedade, pelas causas mais fúteis, quando entrava em casa e não encontrava imediatamente o que queria; se uma coisa não estivesse no seu lugar habitual; se o que tivesse pedido não estivesse pronto em um minuto, enfurecia-se e tudo quebrava. Era a tal ponto que um dia, num paroxismo de cólera, explodindo contra a mãe, disse-lhe: “Vai-te embora, ou eu te mato!” Depois, esgotado pela superexcitação, caía sem consciência. Acrescente-se que nem os conselhos dos pais, nem as exortações da religião tinham podido vencer esse caráter indomável, compensado, aliás, por uma grande inteligência, uma instrução cuidadosa e os mais nobres sentimentos.

Dir-se-á que é o efeito de um temperamento bilioso-sanguíneo-nervoso; resultado do organismo e, por conseguinte, arrastamento irresistível. Resulta desse sistema que se, em seus desvarios, tivesse cometido um assassinato, seria perfeitamente desculpável, porque teria resultado de um excesso de bile. Resulta ainda que, a menos que modificasse o temperamento, que mudasse o estado normal do fígado e dos nervos, esse rapaz estaria predestinado a todas as funestas conseqüências da cólera.

— Conheceis um remédio para tal estado patológico? — Não, nenhum, a não ser que, com o tempo, a idade possa atenuar a abundância de secreções mórbidas. — Pois bem! o que não pode a ciência, o Espiritismo o faz, não pela ação do tempo e em conseqüência de um esforço contínuo, mas instantaneamente. Bastaram alguns dias para fazer desse jovem um ser meigo e paciente. A certeza adquirida da vida futura, o conhecimento do objetivo da vida terrestre, o sentimento da dignidade do homem, revelada pelo livre-arbítrio, que o coloca acima do animal, a responsabilidade daí decorrente, o pensamento de que a maior parte dos males terrenos são a conseqüência de nossos atos, todas essas idéias, hauridas num estudo sério do Espiritismo, produziram em seu cérebro uma súbita revolução; pareceu-lhe que um véu foi retirado de seus olhos; a

vida se lhe apresentou sob outra face. Então, certo de que tinha em si um ser inteligente, independente da matéria, disse de si para si: “Este ser deve ter uma vontade, ao passo que a matéria não a tem; portanto, ele pode dominar a matéria.” Daí este outro raciocínio: “O resultado de minha cólera foi tornar-me doente e infeliz, e ela não me dá o que me falta; logo é inútil, já que não estou mais adiantado. Ela me produz mal e nenhum bem me dá em compensação; mais ainda: poderia impelir-me a atos repreensíveis, criminosos talvez.” — Ele quis vencer, e venceu. Desde então, mil ocasiões se apresentaram que, antes, o teriam enfurecido e ante as quais ele ficou impassível e indiferente, para grande estupefação de sua mãe. Sentia o sangue ferver e subir à cabeça, mas, por sua vontade, o fazia refluir, forçando-o a descer.

Um milagre não teria feito melhor. Mas o Espiritismo fez muitos outros, que nossa revista não bastaria para registrar, se quiséssemos relatar todos os que são do nosso conhecimento pessoal, atinentes a reformas morais dos mais inveterados hábitos. Citamos este como um exemplo notável do poder da vontade e, também, porque levanta um importante problema, que só o Espiritismo pode resolver.

O Sr. A... nos perguntava a respeito se seu Espírito era responsável por sua violência, ou se apenas so-

fria a influência da matéria. Eis a nossa resposta:

Vosso Espírito é de tal modo responsável que, quando o quisesse seriamente, controlastes o movimento sanguíneo. Assim, se o tivésseis querido antes, os acessos teriam cessado mais cedo e não teríeis ameaçado vossa mãe. Além disso, quem é que se encoleriza? O corpo ou o Espírito? Se os acessos viessem sem motivo, poder-se-ia crer que eram provocados pelo afluxo sanguíneo; mas, fútil ou não, tinham por causa uma contrariedade. Ora, evidentemente não era o corpo que estava contrariado, mas o Espírito, muito susceptível. Contrariado, o Espírito reagia sobre um sistema orgânico irritável, que não teria sido provocado se tivesse ficado em repouso. Façamos uma comparação. Tendes um cavalo fegoso; se souberdes governá-lo, ele se submete; se o maltratardes, ele se enfurece e vos derruba. De quem a falta: vossa ou do cavalo?

Para mim, é evidente que vosso Espírito é naturalmente irascível; mas como cada um traz consigo o seu pecado original, isto é, um resto das antigas inclinações, não é menos evidente que, em vossa precedente existência, tivésseis sido um homem de extrema violência, e que provavelmente tereis pago muito caro, talvez com a própria vida. Na erraticidade, vossas outras boas qualidades vos ajudaram a compreender vossos erros; tomastes a resolução de vos vencer e, para isto, lutar em uma nova existência. Mas se tivésseis escolhido um corpo débil e linfático, vosso Espírito, não encontrando nenhuma dificuldade, nada teria ganhado, o que para vós significaria ter de recomeçar. Eis por que

escolhestes um corpo bilioso, a fim de ter o mérito da luta. Agora a vitória está alcançada. Vencestes o inimigo do vosso repouso e nada pode entravar o livre exercício de vossas boas qualidades. Quanto à facilidade com a qual aceitastes e compreendestes o Espiritismo, ela se explica pela mesma causa: éreis espírita há muito tempo; esta crença era inata em vós e o materialismo foi apenas o resultado da falsa direção dada às vossas idéias. Abafada inicialmente, a idéia espírita permaneceu em estado latente e bastou uma centelha para a despertar. Bendizei, pois, a Providência que permitiu que esta centelha chegasse em boa hora para deter uma inclinação que talvez vos tivesse

causado amargos desgostos, enquanto vos resta uma longa carreira a percorrer na estrada do bem.

Todas as filosofias se chocaram contra esses mistérios da vida humana, que pareciam insondáveis até que o Espiritismo lhes trouxe o seu facho. Em presença de tais fatos, ainda se pode perguntar para que serve ele? Estamos no direito de bem augurar o futuro moral da humanidade quando ele for compreendido e praticado por todo o mundo.

Allan Kardec

Fonte: *Revue Spirite (Revista Espírita)* – julho de 1863. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. ■

Assembléia Geral Extraordinária

Aviso

Em face das alterações do novo Código Civil Brasileiro, ocorridas com a publicação em 23/12/2003 da Lei nº 10.825, de 22/12/2003, que acrescentou ao art. 44 daquele diploma legal nova categoria de pessoa jurídica de direito privado – as organizações religiosas –, classificação mais condizente com os objetivos e fins da FEB, o Presidente da Federação Espírita Brasileira, nos termos do inciso IV do art. 15, combinado com o inciso II do art. 35 do Estatuto, convoca os Associados Efetivos para a Assembléia Geral Extraordinária que ocorrerá em sua Sede Central, à Av. L-2 Norte, Quadra 603, Conj. F, em Brasília (DF), no dia 13 de março de 2004, às 14h em primeira convocação e, se não houver o *quorum* regulamentar, às 14h30 em segunda convocação, para deliberar sobre proposta do Conselho Diretor no sentido de tornar sem efeito a alteração estatutária aprovada na Assembléia Geral Extraordinária de 25 de outubro de 2003, restabelecendo, em seu inteiro teor, o Estatuto da FEB então vigente, aprovado em 23 de março de 1991, com as alterações nele introduzidas nas Assembléias Gerais Extraordinárias de 12 de novembro de 1994 e de 3 de julho de 1999, todos registrados no Cartório competente.

O Conselho Diretor

CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL

4º CONGRESSO ESPÍRITA MUNDIAL

Paris – 2 a 5 de outubro de 2004



Promoção: Conselho Espírita Internacional

Realização: União Espírita Francesa e Francófônica

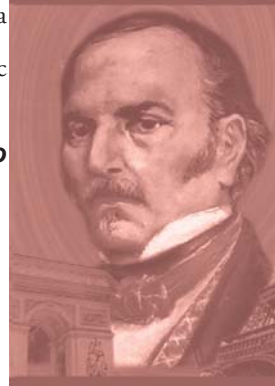
Execução: Associação Kardec

TEMA CENTRAL

«Allan Kardec – O Edificador de uma Nova Era para a Regeneração da Humanidade»

LOCAL

Maison de la Mutualité
Rua Saint-Victor, 24 – Metrô Maubert-Mutualité – Paris



PROGRAMAÇÃO

Dia 2 de outubro - sábado

14-18h – Recepção e credenciamento dos congressistas

19h – Solenidade de abertura – Palestra:

**«ALLAN KARDEC –
O EDUCADOR E O CODIFICADOR DA DOCTRINA ESPÍRITA»**

Dia 3 de outubro - domingo

9h00-12h40 – Painel:

**«O LIVRO DOS ESPÍRITOS –
PRINCÍPIOS FILOSÓFICO-ESPÍRITAS PARA UMA NOVA
SOCIEDADE»**

Objetivo: Destacar as bases doutrinárias da Doutrina Espírita e as consequências da aceitação da realidade do ser espiritual e imortal.

9h00 – Abertura

9h10 – Fundamentos Filosóficos da Doutrina Espírita

9h50 – O Homem e sua Evolução Espiritual

10h30 – Influência do Espiritismo na Marcha do Progresso

11h10 – *Intervalo*

11h30 – A Ética Espírita

12h10 – Debate (perguntas e respostas)

12h40-14h30 – **Horário de almoço**

4º CONGRESSO ESPÍRITA MUNDIAL

Paris – 2 a 5 de outubro de 2004



14h30-18h10 – Painel:

«O LIVRO DOS MÉDIUNS –

INTERCÂMBIO MEDIÚNICO COM BASE NA DOCTRINA ESPÍRITA»

Objetivo: Destacar a finalidade das manifestações espirituais e as orientações para sua prática com base na orientação espírita, realçando o papel desse intercâmbio na vida das pessoas e das famílias, como consequência natural do conhecimento espírita.

14h30 – Abertura

14h40 – Influência dos Espíritos na História da Humanidade

15h20 – Critérios para análise das Manifestações Mediúnicas

16h00 – Influência mediúnica e a Identidade dos Espíritos Comunicantes

16h40 – *Intervalo*

17h00 – Prática da Mediunidade com base na Ética Espírita

17h40 – Debate (perguntas e respostas)

18h10 – Apresentação musical, visita a exposições e sessões de autógrafos

Dia 4 de outubro - 2ª feira

9h00-12h40 – Painel:

«O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO –

FUNDAMENTOS ÉTICO-MORAIS DA DOCTRINA ESPÍRITA»

Objetivo: Destacar a importância da vivência moral e cristã nas relações interpessoais e sociais.

9h00 – Abertura

9h10 – Proposta da Doutrina Espírita para a educação do Homem

9h50 – Caridade na visão Espírita

10h30 – Laços de família – Base da Sociedade

11h10 – *Intervalo*

11h30 – A Promoção do Bem na construção da Paz

12h10-12h40 – Debate (perguntas e respostas)

12h40-14h30 – **Horário de almoço**

14h30-16h30 – Painel:

«O CÉU E O INFERNO – IMORTALIDADE DA ALMA:

CONSEQUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO, NA CULTURA E NA SOCIEDADE»

Objetivo: Destacar as consequências psicológicas e sociais, com base no conhecimento dos estados de alma no mundo espiritual.

14h30 – Abertura

14h40 – A morte e a vida espiritual na visão da Doutrina Espírita

4º CONGRESSO ESPÍRITA MUNDIAL

Paris – 2 a 5 de outubro de 2004



15h00 – Estados de alma dos Espíritos Comunicantes
 15h20 – Repercussão das mensagens de Espíritos Familiares
 15h40 – Justiça e harmonia das Leis Naturais
 16h00 – Debate (perguntas e respostas)
 16h30 – *Intervalo*

17h00-19h00 – Painel:

«A GÊNESE –

INTERAÇÃO ENTRE A DOCTRINA ESPÍRITA E A CIÊNCIA»

Objetivo: Focalizar as evidências científicas que demonstram a veracidade do intercâmbio espiritual e da reencarnação

17h00 – Abertura
 17h10 – Caráter da Revelação Espírita – Relações entre Espiritismo e Ciência
 17h30 – Papel do perispírito na reencarnação e nas manifestações espirituais
 17h50 – A saúde, a bioética e a ecologia na visão da Doutrina Espírita
 18h10 – O Espiritismo diante das pesquisas sobre o genoma humano
 18h30 – Debate (perguntas e respostas)

19h00 – Apresentação musical, visita a exposições e sessões de autógrafos

Dia 5 de outubro - 3ª feira

9h00-11h00 – Painel:

«EVOLUÇÃO DO MOVIMENTO ESPÍRITA»

Objetivo: Oferecer uma visão panorâmica sobre o desenvolvimento do Movimento Espírita Internacional.

9h00 – Abertura
 9h10 – Movimento Espírita no Século XIX
 9h30 – Movimento Espírita na 1ª Metade do Século XX
 9h50 – Movimento Espírita na 2ª Metade do Século XX
 10h10 – Movimento Espírita – Fase Atual – Internacionalização
 10h30 – Debate (perguntas e respostas)
 11h00 – *Intervalo*
 12h10 – **Palestra: La Revue Spirite – histórico e objetivos**

12h40-14h30 – **Horário de almoço**

14h30-16h40 – Painel:

«DIFUSÃO DA DOCTRINA ESPÍRITA»

Objetivo: Oferecer uma visão panorâmica sobre as experiências de estudo sistematizado e de divulgação da Doutrina Espírita.

4^o CONGRESSO ESPÍRITA MUNDIAL

Paris – 2 a 5 de
outubro de 2004



14h30 – Abertura
14h40 – Cursos Sistematizados de Doutrina Espírita
15h00 – Os Livros Espíritos
15h20 – Campanha de Divulgação do Espiritismo
15h40 – Divulgação no rádio, na TV e na Internet
16h00 – Debate (perguntas e respostas)
16h40 – *Intervalo*
17h00-19h00 – Solenidade de encerramento – Palestra:
«DIFUSÃO DA DOCTRINA ESPÍRITA E SEU PAPEL NA NOVA ERA»

ESCLARECIMENTOS

- 1- O programa será apresentado na forma de Painéis (Módulos), sem atividades simultâneas. Não haverá espaço para temas livres.
- 2- Haverá tradução simultânea para as palestras em francês, português, espanhol, inglês e esperanto, dependendo do número de inscritos que se comuniquem, exclusivamente, nesses idiomas.

EXPOSIÇÕES

Exposição de *posters*

Será montada uma exposição do CEI, quando cada país-membro terá um espaço para expor um pôster (*banner*).

Exposição sobre a Vida e Obra de Allan Kardec

Será montada uma exposição sobre a vida e a obra de Allan Kardec.

ATIVIDADES PÓS-CONGRESSO

Dias 6 e 7 de outubro – quarta-feira e quinta-feira:

10ª Reunião do Conselho Espírita Internacional. Durante a Reunião será inaugurada placa alusiva ao Bicentenário de Allan Kardec, em seu túmulo, no Cemitério do Père-Lachaise, com a presença dos integrantes do CEI.

SEARA ESPÍRITA

Paraná: VI Conferência Espírita

A Federação Espírita do Paraná realizará nos dias 21, 22 e 23 de abril, em Curitiba, a VI Conferência Estadual Espírita, evocando os 140 anos de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. O tema central – *A Saga do Amor na Terra* – será desenvolvido pelos conferencistas Divaldo Pereira Franco, J. Raul Teixeira e Sandra Borba Pereira.

Pernambuco: Encontro de Juventudes Espíritas

A Federação Espírita Pernambucana promoverá em Recife, de 9 a 11 de abril, o Encontro de Juventudes Espíritas, com o tema *A Família*. O evento enseja a oportunidade de estudos, integração e confraternização dos jovens em torno da Doutrina Espírita. As inscrições podem ser feitas até o dia 23 de março corrente. Para outras informações: *site* www.fespirita-pe.org.br – *e-mail*: dij@fespirita-pe.org.br – telefone (81) 9138-6051, com Ana Paula.

Noruega: Grupo Espírita Léon Denis

Mais uma instituição espírita está funcionando na Noruega. É o Grupo de Estudos Espíritas Léon Denis que, dentre outras atividades, promove reuniões públicas às quartas-feiras, das 18h30 às 20 horas. *O Gruppen for Spiritistiske Studier Leon Denis* é dirigido por Maria Cristina Latini e Sania Haugen e o seu endereço é: Mollergt, 23 – sala 214 – Centro – Oslo – Noruega. Contatos pelo correio eletrônico: cristinalatini@hotmail.com (SEI.)

A Cruzada na Internet

A Cruzada dos Militares Espíritas, membro do Conselho Federativo Nacional da FEB, tem, agora, sua página na Internet, com informações sobre suas atividades, endereços dos núcleos, esclarecimentos sobre a Semana Maurícia e seu patrono – o Legionário Maurício. O endereço é: www.cme.org.br

R. G. do Sul: Encontro de Evangelizadores

A Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul promoverá, através do seu Departamento de Infância e Juventude, o Encontro Estadual de Evangelizadores, nos dias 3 e 4 de abril, com o tema *A Evangelização*

Espírita como chave para o progresso educacional da Humanidade, que será desenvolvido pelas professoras Sandra Borba Pereira, Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Norte, e Gladis Pedersen, primeira Vice-Presidente da FERGS, e pelo médico Sérgio Lopes, de Pelotas. Informações pelo telefone (51) 3224-1493 ou no *site* www.fergs.com.br

Bahia: Calendário Federativo 2004

A Área de Comunicação Social da Federação Espírita do Estado da Bahia informa a seguinte programação de eventos: a Caravana da Fraternidade está marcada para 26 a 28 de março em Salvador e várias cidades do interior. A segunda edição do Fórum Allan Kardec, de 16 a 18 de abril, e o seminário do Projeto Manoel Philomeno de Miranda, em 23 de maio. Os Encontros Macrorregionais estão previstos para o período de maio a julho, e o Encontro Estadual de Espiritismo 2004, realizado sempre num fim de semana, será no final de outubro ou início de novembro.

Canadá: Movimento Espírita em Montreal

O *Mouvement Spiritiste Québécois* conta com uma sede bem montada e com excelente localização. O local tem o nome fantasia “Espace Espírita”. Isto mesmo, o “Espírita” é grafado em português e não em francês, que é a língua predominante na Província de Quebec. Também a recém-fundada editora tem a mesma grafia “Edicion Espírita”. O “Espace Espírita” conta com livreria e biblioteca, sendo utilizado por três grupos, dentre eles o Centro Espírita Allan Kardec, que mantém várias atividades semanais. (RIE.)

Sergipe: Ciclo de Palestras

A Federação Espírita do Estado de Sergipe, em parceria com todas as Instituições Espíritas do Estado, realizará durante todo o mês de abril o seu VIII Ciclo de Palestras, que tem por objetivo, além das comemorações dos 147 anos de *O Livro dos Espíritos* e do Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec, fortalecer os laços de união e de amizade entre as Casas Espíritas do Estado e entre os espíritas de modo geral. Os expositores deverão abordar o tema *Espíritas, amai-vos. Espíritas, instruí-vos*.